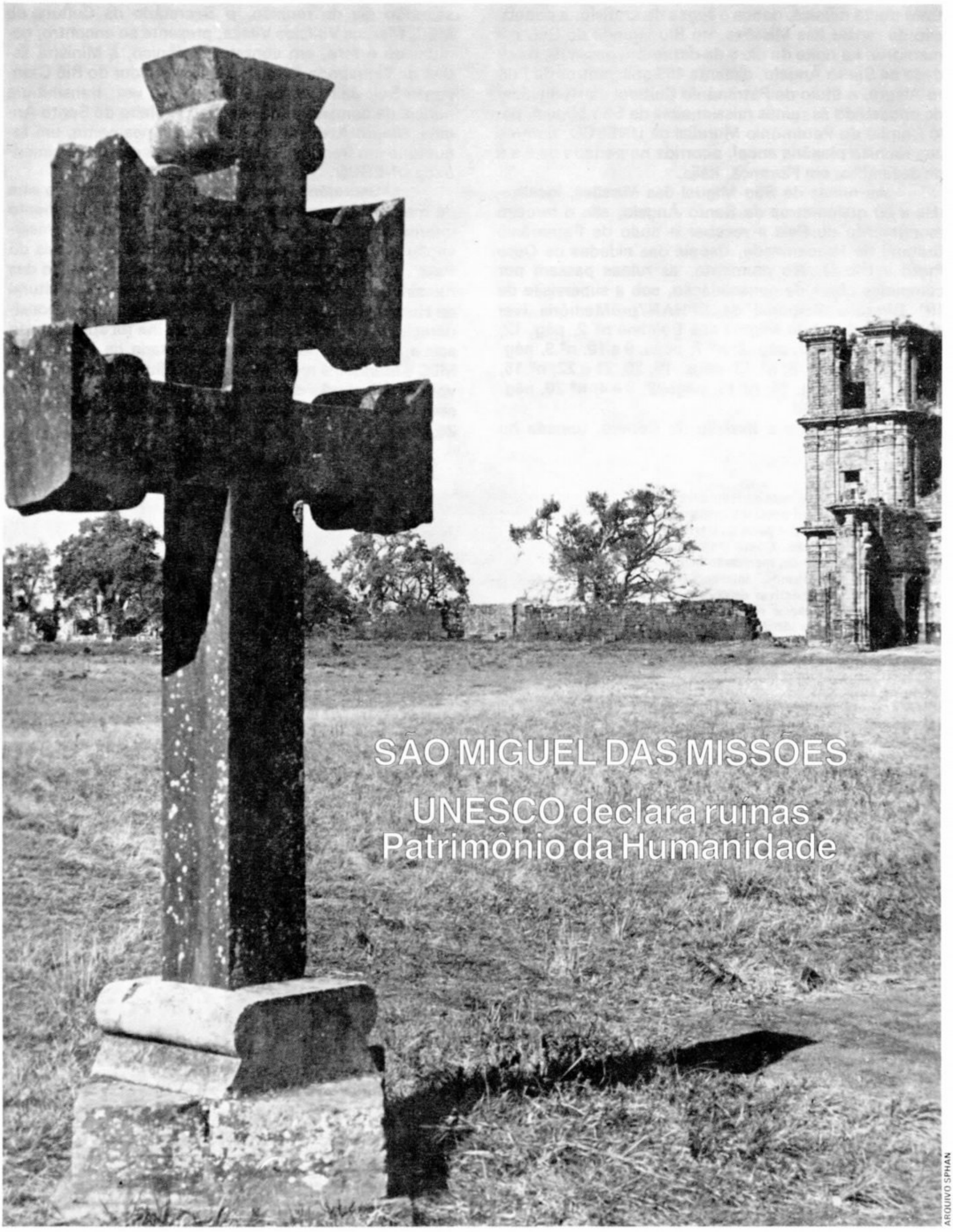
Novembro/Dezembro 1983

Editado pela Fundação Nacional próMemória
Subsecretaria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
Secretaria da Cultura
Ministério da Educação e Cultura
Setor Comercial Norte - Quadra 2 - Bloco K - CxP. 04-0150
70.710 - Brasília - DF

SPHAN 27

próMemória

ISSN 0101-3467



SÃO MIGUEL DAS MISSÕES

UNESCO declara ruínas
Patrimônio da Humanidade

ARQUIVO SPHAN

1

Com muita música, dança e fogos de artifício, a população da região das Missões, no Rio Grande do Sul, comemorou na noite do dia 9 de dezembro passado, na cidade de Santo Ângelo, distante 459 quilômetros de Porto Alegre, o título de Patrimônio Cultural da Humanidade concedido às ruínas missioneiras de São Miguel, pelo Comitê do Patrimônio Mundial da UNESCO, durante sua reunião plenária anual, ocorrida no período de 5 a 9 de dezembro, em Florença, Itália.

As ruínas de São Miguel das Missões, localizadas a 60 quilômetros de Santo Ângelo, são o terceiro monumento do País a receber o título de Patrimônio Cultural da Humanidade, depois das cidades de Ouro Preto e Olinda. No momento, as ruínas passam por completas obras de consolidação, sob a supervisão da 10ª Diretoria Regional da SPHAN/próMemória (ver matérias sobre São Miguel nos Boletins nº 2, pág. 12; nº 3, pág. 11; nº 5, pág. 2; nº 7, págs. 9 e 10; nº 9, pág. 16; nº 10; nº pág. 8; nº 13, págs. 19, 20, 21 e 22; nº 15, pág. 9; nº 16, pág. 14; nº 17, págs. 2, 3 e 4; nº 20, pág. 25 e nº 24, pág. 15).

Ao conhecer a decisão do Comitê, tomada no segundo dia de reunião, o Secretário da Cultura do MEC, Marcos Vinícios Vilaça, presente ao encontro, comunicou o fato, em contato telefônico, à Ministra Esther de Figueiredo Ferraz e ao Governador do Rio Grande do Sul, Jair Soares, que, por sua vez, transmitiu a notícia da concessão do título ao Prefeito de Santo Ângelo, Mauro Azevedo. Quase simultaneamente, um foguetório em frente à Prefeitura saudou o reconhecimento da UNESCO.

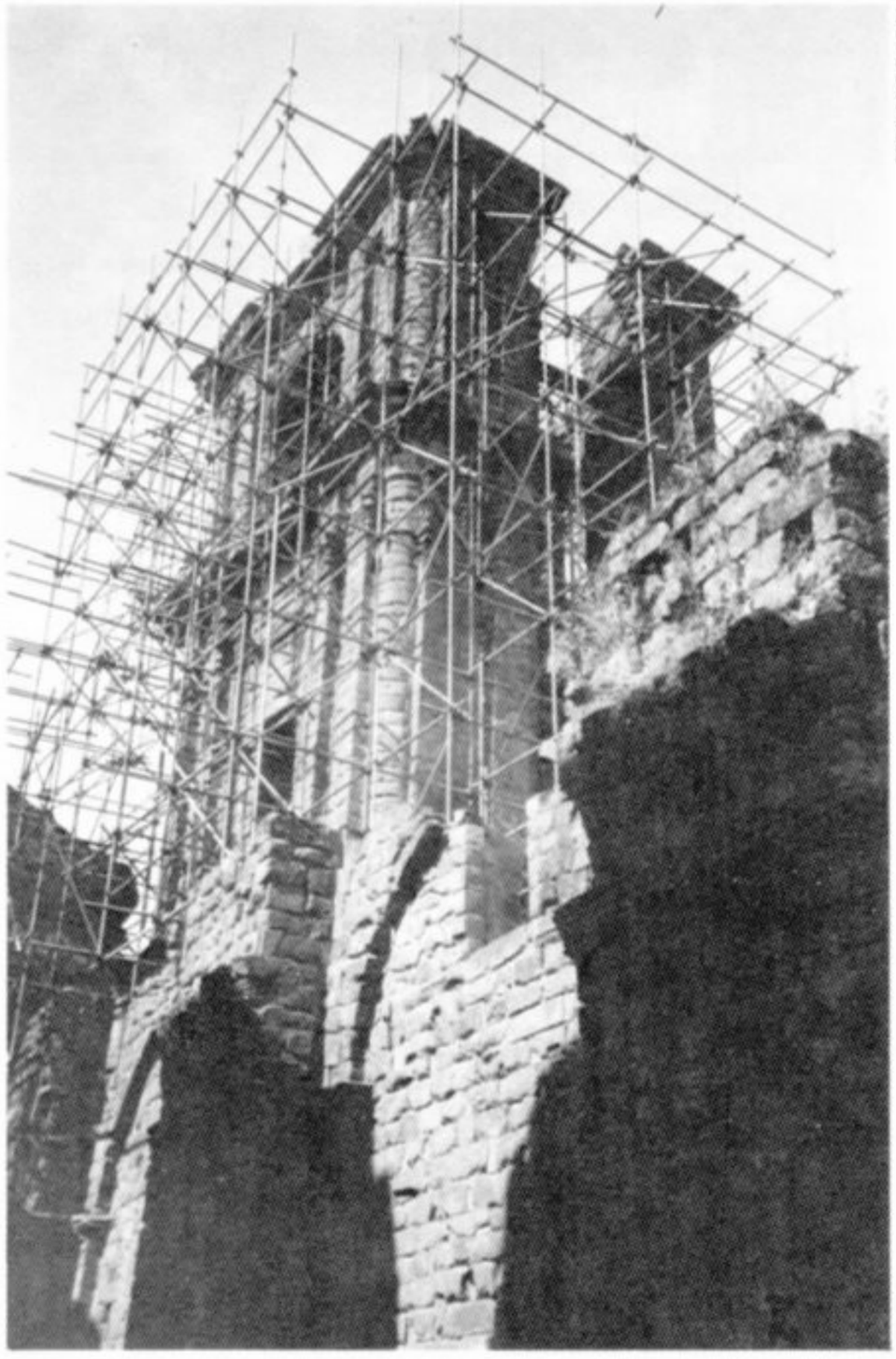
O Secretário, ao dar a notícia, ressaltou que este "é mais um importante e significativo reconhecimento internacional à política brasileira voltada para a preservação e valorização dos bens históricos e culturais do País". Lembrou, ainda, que, ao aprovar a elevação das ruínas de São Miguel à condição de Patrimônio Cultural da Humanidade, o Comitê da UNESCO levou em consideração o amplo dossiê técnico que lhe foi apresentado sob a forma de projeto pela Secretaria da Cultura do MEC e atendeu à recomendação do Bureau do órgão favorável à inclusão do monumento na relação dos bens considerados Patrimônios da Humanidade (SPHANnº 24, pág. 15)

Incluídas na relação de bens da Humanidade, as ruínas de São Miguel passam a contar com amplo suporte técnico por parte da UNESCO para a sua preservação. Como Patrimônio Cultural da Humanidade, merecerão atenção especial dos organismos internacionais, abrindo maiores perspectivas de cooperação técnica de conservação e restauração com países onde tais setores são desenvolvidos.

Na verdade, o apoio da UNESCO fez-se sentir desde o início dos trabalhos visando à recuperação das ruínas de São Miguel, em agosto de 1980, quando, por solicitação da SPHAN, o organismo enviou ao Brasil um dos seus consultores técnicos, o Professor de Restauração da Escola de Nápoles, Roberto Di Stefano, considerado mundialmente como o maior perito na restauração de monumentos construídos em pedras.

Di Stefano visitou as ruínas em três ocasiões: agosto e novembro de 80 (SPHAN nº 7, págs. 9 e 10 e nº 9,pág. 16) e, mais recentemente, em abril de 1982, quando discutiu com técnicos brasileiros em preservação de bens culturais o mais completo e detalhado levantamento científico jamais realizado de um monumento histórico no País e que consumiu cerca de Cr$ 16 milhões e um ano e meio de trabalho, para apontar o estado atual das ruínas de São Miguel e fornecer os dados necessários para o planejamento de sua conservação (SPHAN nº 17, págs. 2, 3 e 4).

Ao serem tombadas, em 1938, pelo então Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, as ruínas de São Miguel das Missões foram beneficiadas com obras de consolidação, as primeiras com que o órgão recém-criado deu-se à tarefa de conservação e restauração dos bens culturais brasileiros: metade da torre sineira, que já apresentava uma acentuada inclinação, foi desmontada e cuidadosamente remontada, pedra por pedra, em seus locais exatos, anteriormente mapeados e numerados. Na mesma ocasião, o Arquiteto Lucas Mayerhofer, sob a orientação de Lúcio Costa, reaprumou desde as fundações trechos extensos do pórtico, embutindo trilhos de ferro no interior de algumas paredes, para "costurá-las".



FERNANDO LEAL

Vista da torre sineira da Igreja de São Miguel das Missões, a partir do interior do templo.

Em 1968, a União fez novas obras em benefício das ruínas, sob direção do Arquiteto Luiz Saia e projeto de Joaquim Cardoso. Um arco em concreto armado foi colocado no reverso da fachada, ancorando suas extremidades sobre as arcadas da nave da igreja. A iniciativa visava conter o evidente desaprumo de todo o trecho superior da frontaria. No entanto, o esforço não foi eficaz e as atuais

SPHAN 27
próMemória

obras incluem novamente a estabilização do maciço frontal. Os trabalhos de consolidação tiveram inicio em outubro de 1982 e estão sendo executados pela empresa RESCON, sob a direção do Arquiteto Fernando Leal.

CONSOLIDAÇÃO

Devido às condições de localização das ruinas de São Miguel, em região agricola por excelência, distante de centro comercial de importância, o primeiro problema enfrentado quando do inicio dos serviços de consolidação do monumento, foi o da formação de mão-de-obra. O problema foi solucionado com a vinda do Mestre Augusto da Silva, de Salvador (BA), que já trabalhava há cerca de 12 anos na empresa RESCON e tinha sido testado na formação de pessoal em obras anteriores, algumas delas realizadas no interior, em condições semelhantes às encontradas em São Miguel.

Para o inicio dos serviços, a empresa contratou um minimo de pessoas, seis operários apenas (um auxiliar de pedreiro e cinco serventes), praticamente homens de lavoura, de forma a que fosse possivel instrui-los adequadamente e ir aumentando este número aos poucos, na medida em que os operários fossem adquirindo a habilidade necessária.

Seguindo o mesmo critério, para testar a tecnologia a ser empregada e desenvolver a qualificação profissional, foram escolhidos trechos de pequena importância nas ruinas, como os muros do antigo colégio, afastados da igreja. Desta forma, os erros inevitáveis não comprometeriam o conjunto, segundo relato do Arquiteto Fernando Leal.

A partir de novembro de 82, o Arquiteto Odair Carlos de Almeida foi convocado para permanecer integralmente na obra. Sob sua responsabilidade, já havia sido realizado o levantamento gráfico do monumento. Começou-se, então, a trabalhar na face externa da parede dos fundos da igreja, tendo sido beneficiadas, inicialmente, não só essa parede, mas também as da sacristia velha. Em seguida, iniciaram os trabalhos na frontaria e na torre.

Já em dezembro, começou-se a ampliar o quadro de pessoal com a contratação de mais dois serventes e de um pedreiro, que trabalhara nas obras realizadas pela SPHAN em 1968-70. A partir de janeiro de 83, na medida em que o quadro inicial de operários ia sendo adestrado, novos trabalhadores passaram a ser admitidos.

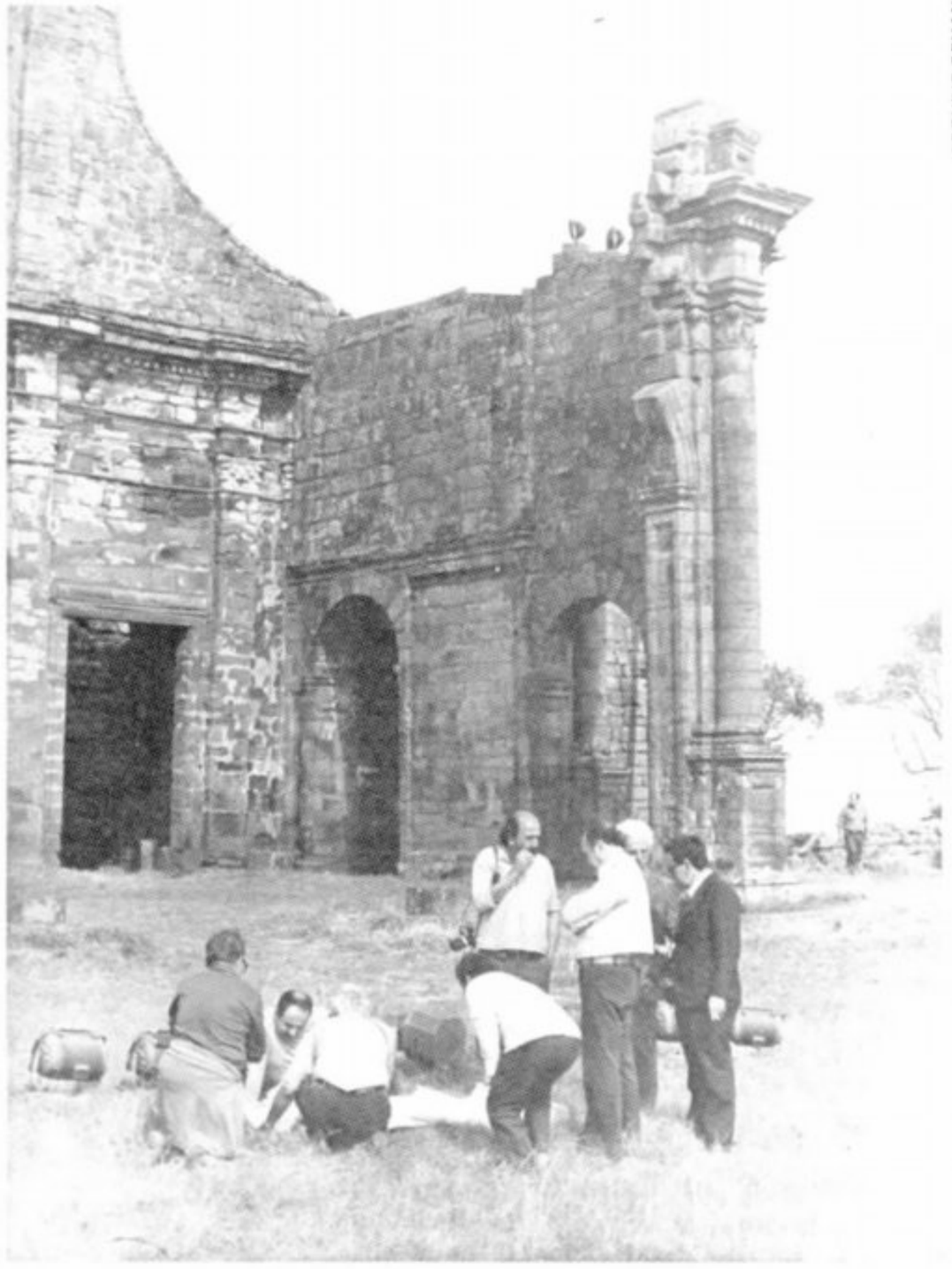
Ainda sobre a questão da mão-de-obra, conforme observação de Fernando Leal, a rotatividade de pessoal foi maior do que o desejável, em decorrência, sobretudo, das dificuldades de adaptação do trabalhador agricola ao trabalho artesanal de estabilização e consolidação de uma ruina, o que motivou a permanência, até hoje, de uns poucos operários contratados inicialmente. Além disso, nas épocas de plantio e colheita, muitos serventes se desinteressavam das obras. Entretanto, também houve o aparecimento de vocações para o trabalho de restauração, tanto assim que homens que nunca haviam manuseado ferramentas de construção civil, hoje cortam pedras, afeiçoam suas faces, e da condição inicial de simples serventes, estão quase equiparados a canteiros, tendo tido promoções de acordo com as habilidades e interesses demonstrados.

FERNANDO LEAL



Vista da fachada principal (frontaria) da Igreja de São Miguel das Missões, com destaque para a torre sineira, à esquerda, que, como agora, foi objeto de recuperação em 1938.

ARQUIVO SPHAN



O professor de Restauração da Escola de Nápoles e Consultor da UNESCO, Roberto Di Stefano (de terno, à direita) e equipe técnica da SPHAN/próMemória em uma das visitas às ruínas de São Miguel das Missões.

O segundo problema enfrentado relaciona-se aos materiais de construção encontrados na Vila de São Miguel, em pequeno número e a preços elevados, o que praticamente obriga a aquisição em Santo Ângelo, distante 60 km das ruinas. Para certos equipamentos, em número reduzido, é verdade, tem-se recorrido a Porto Alegre.

Os serviços de consolidação básica que vêm sendo executados nos maciços do monumento, já estão concluidos nos seguintes trechos: paredes dos fundos da igreja e da sacristia velha, em cerca de 95% da frontaria e em cerca de 70% da torre sineira. Por se tratar de obra a céu aberto, sem possibilidade



FERNANDO LEAL

Operário trabalhando no corte das pedras, tarefa que demanda perfeccionismo, pois as pedras substitutas têm que ser iguais, em tamanho e formato, às originais.

eficaz de proteção dos trechos em beneficiamento, os fatores climáticos têm tido grande influência no rendimento dos trabalhos. As chuvas que caíram em 1983 paralisaram por diversas vezes os serviços. A previsão para o término da consolidação básica da frontaria e da torre é fins de março e princípios de abril de 84. Mas, segundo Fernando Leal, "em restauração e consolidação de prédios históricos, só existe uma data fixa: a do início".

"Uma ruína como a de São Miguel", prossegue o Arquiteto, "reserva muitas surpresas técnicas e, afinal, a tarefa é para ser bem feita e não apenas para ser terminada logo". De qualquer forma, os trabalhos estão bem adiantados, de acordo com Leal. Em declaração à imprensa gaúcha após a concessão do título de Patrimônio da Humanidade, Fernando lembrou que as ruínas só resistiram ao assédio da vegetação e do passar do tempo porque o Governo Federal se preocupou em fazer alguns reparos importantes ao longo do último século. "São Miguel foi o primeiro monumento histórico no Brasil que sofreu intervenções de vulto em sua estrutura ao longo dos anos. Se não fosse isso, essa magnífica fachada de pedra já teria caído, mesmo destino do qual foi salvo a torre", concluiu ele.

SERVIÇOS

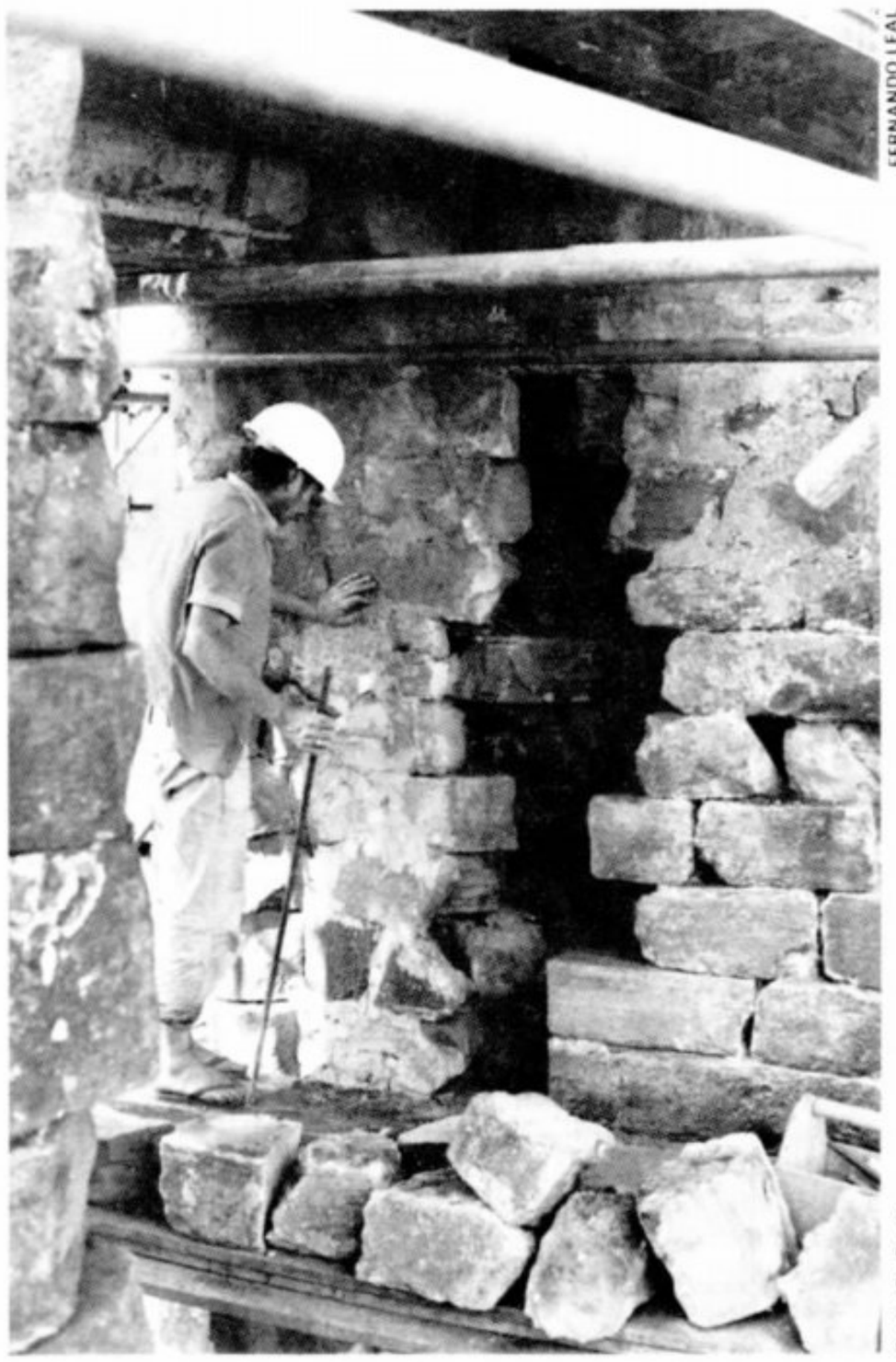
A consolidação básica das ruínas compreendeu os seguintes serviços: eliminação da vegetação, limpeza das juntas das faces dos maciços, preenchimento dos vazios do núcleo pela intromissão de concreto ou de pedra com massa ferro, embrechamento das juntas mais largas e rejuntamento das mais estreitas, retirada do capeamento do respaldo das paredes, introdução de concreto e arenito argamassado com massa ferro, verticalmente, de forma a preencher os vazios, seguindo-se a concretagem e recomposição do respaldo pelo assentamento de pedras argamassadas com massa ferro, complementando-se aquelas necessárias para a estabilização dos maciços.

O Arquiteto Fernando Leal observa que, plasticamente, tem-se procurado deixar os maciços trabalhados com o aspecto de ruínas. Assim, tem-se fabricado o embrechamento e o rejuntamento em profundidades variáveis, de acordo com o aspecto anterior dos parâmetros trabalhados, de forma a que naqueles trechos outrora inteiramente desprovidos desses elementos, nos quais as pedras se encontravam muito separadas, o perímetro da pedra seja o que conta, destacando-se sob a luz do sol, em zonas de claro e escuro. Para aqueles trechos em que se indicava o simples rejuntamento, como o parâmetro externo da frontaria, no qual as pedras se encontravam bem justapostas, este se fez praticamente ao nível das pedras.

Quanto às pedras empregadas, tem sido aproveitado o grande número das existentes nas ruínas. Os técnicos e trabalhadores tomam o cuidado de selecionar e guardar aquelas com as faces trabalhadas, molduradas ou não.

Caso as medições de controle de recalque, efetuadas pela firma Tecnosolo S/A, continuem indicando não ter havido mudança da situação estática dos maciços trabalhados, a etapa seguinte deverá ser a "costura" das antigas lesões da frontaria e da torre, pelo emprego de ferro argamassado e injeções de nata de cimento. Dessa forma, os andaimes tubulares da torre e da frontaria poderão ser desmontados e remontados no restante da igreja, a fim de que os trabalhos da consolidação básica desses trechos possam ser iniciados.

A recomposição dos alicerces deverá ser feita nos meses de baixo índice pluviomé-



FERNANDO LEAL

Operário verificando as condições dos maciços da torre sineira, que, como os demais, estão sendo trabalhados no sentido de se manter o aspecto de ruínas.

SPHAN 27
próMemória

trico. Os trabalhos de emergência já efetuados nos alicerces de trecho da parede externa da igreja, no lado do evangelho, e da parede da torre que lhe fica adjunta, resultantes da presença de vazios no solo, junto às paredes, mostraram as dificuldades e os riscos de trabalhos sob a incidência das chuvas, pois foram realizados no mês de maio, em que foi alto o indice de paralisação dos serviços por causa das chuvas.

Apesar de se ter procurado proteger a área em beneficiamento empregando-se lona nova, a força do vento de chuva foi de tal intensidade que a lona rasgou. Além disso, a água encharcava o solo e penetrava nas cavas, entre a lona e o solo.

MUSEU

Logo da formação do Serviço do Patrimônio Histórico e Artistico Nacional, dirigido por Rodrigo Melo Franco de Andrade, houve grande interesse em preservar da destruição total as ruinas de São Miguel. O escritor Augusto Meyer, assistente técnico do SPHAN no Rio Grande do Sul, foi solicitado a fornecer os dados necessários para o encaminhamento do processo e apresentou um relatório ressaltando o interesse histórico na preservação do referido conjunto cultural.

O Arquiteto Lúcio Costa foi encarregado de inventariar os elementos subsistentes e traçar o programa de trabalhos para proceder às obras de estabilização das ruinas. Seu relatório concluiu que as ruinas da Igreja de São Miguel, que apresentavam grande interesse como conjunto arquitetônico, deveriam ser amparadas de forma a prevenir seu total desmoronamento. "Os fragmentos de arquitetura e as esculturas encontradas nos diferentes Povos, bem como os possivelmente descobertos em buscas e escavações, mereciam ser recolhidos ao Povo de São Miguel, num museu a ser construido com material das ruinas, senão nas próprias ruinas, devidamente abrigadas".

Acabados os trabalhos de estabilização das ruinas (já citados anteriormente), foi iniciada a construção do Museu das Missões, projeto do Arquiteto Lúcio Costa. O Museu está situado no ângulo Noroeste da Praça e consta de três seções ou compartimentos, limitados em dois de seus lados por paredes paralelas, abrindo-se nos outros dois para um largo alpendre. É coberto por um telhado de quatro águas, cujo madeiramento se apóia nas empenas das quatro paredes paralelas e nos pilares das varandas.

OBJETIVO

A perpetuação do titulo de Patrimônio Cultural da Humanidade concedido às ruinas de São Miguel é o objetivo básico da Prefeitura Municipal de Santo Ângelo, segundo informou o Prefeito Mauro Azevedo, ao afirmar que a Administração será bem mais rigorosa em exigir o cumprimento do Plano-Diretor existente para o Distrito da Vila de São Miguel.

"As ruinas se situam no centro da Vila, que conta com 200 casas e 600 moradores, e o Plano-Diretor proíbe a construção de prédios nas proximidades", disse o Prefeito, ressaltando, porém, que, mesmo depois de elaborada a lei, surgiram algumas construções dentro da Vila, entre elas um restaurante e um Centro de Tradições Gaúchas. "Quando percebemos, os prédios estavam concluídos e agora é dificil desapropriá-los, por falta de recursos", disse Azevedo, lembrando, no entanto, que a partir de agora haverá um maior rigor por parte da Prefeitura, visando à preservação das ruinas.

A Municipalidade de Santo Ângelo, disse mais o Prefeito, espera que, com o titulo da UNESCO, aumente o fluxo de turistas na região, em especial de outros Estados.

"Vamos trabalhar para que aquele seja um forte ponto de atração turistica em nosso Estado. Vamos divulgar a história das Missões em folhetos e enviá-los para as agências de viagem e imprensa especializada do Rio e São Paulo. Buscaremos, também, o turista de fora do Pais, especialmente o dos paises do Prata, que tem em comum conosco a herança missioneira". Os planos são do Secretário de Turismo do Rio Grande do Sul, Horst Volk, que considera "bastante relevantes" as preocupações manifestadas pelos preservacionistas do patrimônio histórico de que é necessário conter o turismo predatório, fator de destruição acentuada de diversos monumentos espalhados pelo Pais.

"Para coibirmos isso, vamos agir em conjunto com a Prefeitura Municipal de Santo Ângelo e com um policiamento mais efetivo do parque missioneiro", diz o Secretário gaúcho.

Já o Diretor da 10ª Diretoria Regional da SPHAN/próMemória, Arquiteto Júlio Nicolau de Curtis, acredita que o justificado orgulho do povo gaúcho pelo título concedido às ruinas de São Miguel das Missões precisa ser vivenciado como uma grande responsabilidade de contribuir para a preservação e manutenção do excepcional documento da cultura jesuitico-guarani. "A tarefa de resguardar o monumento", para o Arquiteto, "não é exclusiva dos poderes públicos, é de toda comunidade e especialmente daquela mais próxima a ele".

Curtis chama a atenção para o fato de que a honra de ser Patrimônio da Humanidade pode ser cassada a qualquer momento, desde que a UNESCO e seus técnicos constatem que não existe uma ação enérgica e constante pela preservação do local. "Espero que a comunidade gaúcha responda a essa tarefa, para que não tenhamos que chegar à constrangedora situação de perder esse ambicionado titulo", frisa o Arquiteto.

Ainda segundo Curtis, agora, mais do que nunca, a Prefeitura de Santo Ângelo precisa honrar o compromisso contido no Plano de Desenvolvimento Fisico da Vila de São Miguel, que disciplina o crescimento da cidade em sentido oposto às ruinas, para que o importante sitio histórico e arqueológico não continue sendo invadido pela construção de casas.

Outro cuidado urgente, lembra o Diretor da 10ª DR, é que as atenções especiais agora voltadas para São Miguel não se reflitam em uma exploração turistica predatória que desfigure e avilte o monumento. "O Municipio terá uma grande responsabilidade na fiscalização desse aspecto, já que o turismo bem conduzido, feito dentro de critérios que busquem a preservação do local, pode e deve ser incentivado"



ARQUIVO SPHAN

Imagens de santos missioneiros depositadas no Museu das Missões, construído a partir de um projeto do Arquiteto Lúcio Costa e situado no ângulo Noroeste da Praça fronteira à Igreja de São Miguel.

Um precioso aprendizado

A recuperação de cada trecho das ruínas de São Miguel das Missões está significando não apenas uma sobrevida ao monumento, mas um aprendizado precioso para os arquitetos que formam, em todo o Brasil, a equipe técnica da SPHAN. São Miguel foi transformado, pela Fundação próMemória, em uma escola prática de consolidação de ruínas. Da primeira turma, formada em dezembro passado, fizeram parte: Wellington Carvalho (do Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais-IEPHA) e Romero Pereira (de Pernambuco, da 4ª Diretoria Regional da SPHAN/próMemória). Os arquitetos fizeram um estágio de dois meses, que deverá agora ser cumprido por outros dois profissionais.

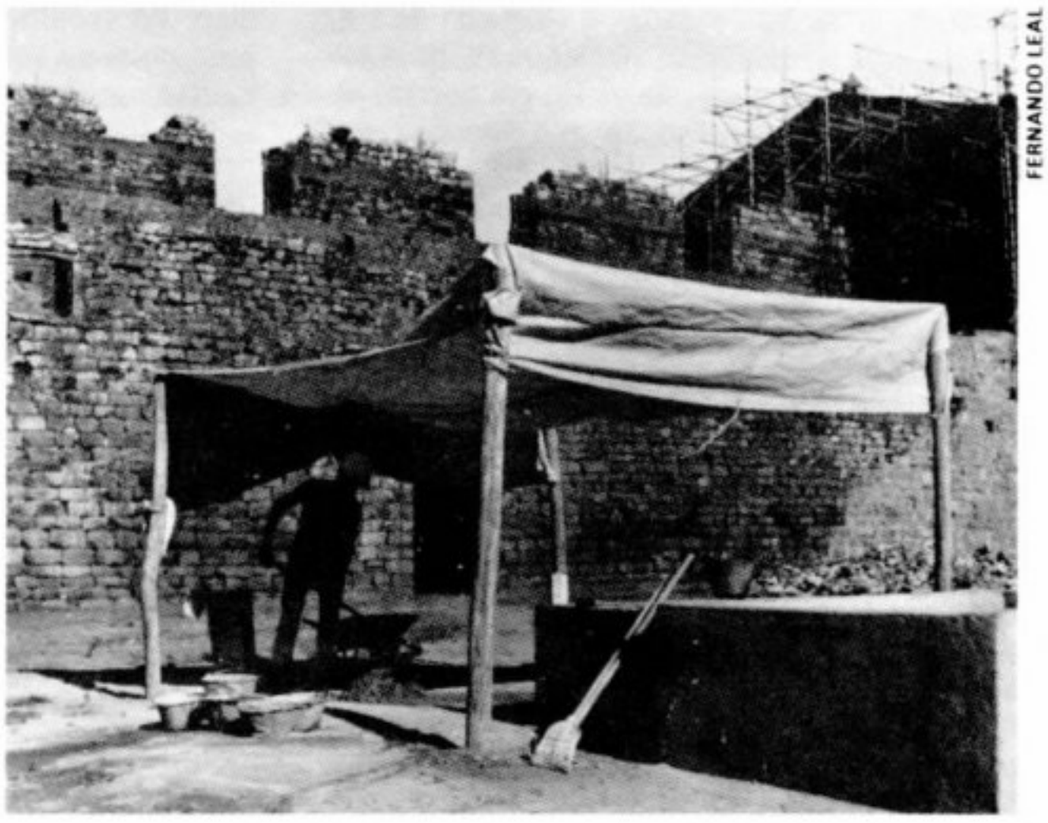
"São poucos os arquitetos especializados nesse setor no país", observa Romero Pereira ao destacar a importância dessa oportunidade profissional. "Trabalhamos muito isolados, sem troca de informações", prossegue o Arquiteto, "além disso, trabalhamos apenas com restauração de prédios, isto é, colocamos em condições de funcionamento as construções históricas danificadas. É muito raro se fazer um projeto de consolidação como este nas Missões, onde a obra é para manter em pé o pouco que resta, sem tentar reconstituir o que se perdeu", conclui Romero.

O único monumento histórico no Brasil que já passou por uma consolidação semelhante à das ruínas de São Miguel foi a Casa de Garcia D'Avila, um belo conjunto arquitetônico baiano construído no século XVI, e uma das primeiras construções do Brasil Colônia (SPHAN nº 14, pág. 18). Essa consolidação, a exemplo das Missões, também foi feita sob a direção do Arquiteto Fernando Leal, tendo como mestre-de-obra o mesmo Mestre Augusto, que agora comanda um grande número de operários locais, na tarefa de reviver o mais recente Patrimônio da Humanidade no Brasil.

Mestre Augusto da Silva, 13 de seus 42 anos dedicados à restauração e preservação do patrimônio arquitetônico nacional, é uma figura miúda e ágil que conhece os segredos das pedras e do passar do tempo sobre elas. Linguajar saboroso de baiano simples nascido e criado em Salvador, ele deixa transparecer com orgulho que, sem nunca ter conseguido diploma, está ensinando muito doutor diplomado. E, com justiça, pode ser considerado mesmo um mestre. Daqueles mestres que conseguem transmitir o amor pelo ofício que conhecem.

"Veja você essa parede aqui. Ela ficou bonita assim porque não se boliu (mexeu) nas marcas que ganhou com o tempo. A parede rachou, abriu. Não tiramos essa marca, deixamos ela bem evidente. Não tiramos o brilho da obra, deixamos cada coisa no seu lugar".

Mestre Augusto ensina a ler aquelas antigas fachadas de pedra, a observar onde existia uma viga, onde se apoiava o teto, as calhas originais, a marca obliqua gravada na parede mostrando onde existia um telhado. "Isto aqui é uma universidade onde estou recuperando a prática que tinha e aprendendo muito mais", diz o Mestre. E prossegue, "isto ia mesmo cair, tinha só uma via de coração. Ou, como dizem os gaúchos, estava na última lona".!



FERNANDO LEAL

Operário preparando a massa que vai ser utilizada na consolidação dos maciços.

Ele mostra por quê. Fala da chuva lavando o barro que rejuntava as pedras, das ervas daninhas e até árvores que se instalaram na superfície porosa das chamadas "pedras-cupim", um material de baixa qualidade, que não oferece resistência à rápida erosão pela água. Essas pedras originais estão sendo substituídas por resistentes pedras de arenito, mas nem sempre é tecnicamente possível realizar essa substituição.

As pedras substitutas têm que ser iguais, em tamanho e formato, às originais, o que trouxe muitas dores de cabeça até formar mão-de-obra local capacitada para executar essa tarefa. Mestre Augusto comenta, divertido, sobre as injeções de concreto: "isso é palavrório enroscado. O que a gente faz é tirar de dentro das paredes toda a sujeira, lavar bem e depois a gente soca concreto e pedra, batendo tudo com batedores de madeira (uma espécie de mão-de-pilão). Depois deixa secar e no outro dia molha e reassenta as pedras da frente, feito azulejo". Os cuidados com a obra chegam a detalhes como o de peneirar a terra que vai ser adicionada ao concreto, para que não embolote. "Isso é como farinha, não pode ter caroço", explica o mestre-de-obras, " a massa tem que ficar lisa, para grudar direito".

Outro detalhe fundamental: prever o escoamento da água da chuva, para que ela não volte a se infiltrar nas paredes. Para isso, são feitos "caminhos" com desníveis de argamassa entre as pedras superiores que arrematam as paredes.

Se o aluno, depois disso tudo, ainda demonstrar alguma dúvida quanto aos métodos empregados, Mestre Augusto — do seu modo simples — desfia seus títulos. Que incluem as restaurações de prédios que freqüentam, em fotos coloridas, os livros de História da Arte no Brasil. Como a Casa de Tomé de Souza, a Igreja de Santa Luzia, a Pousada do Carmo, o Liceu de Artes e Ofícios, a Igreja de Conceição da Praia e tantas outras obras existentes na Bahia.



FERNANDO LEAL

Paramento da parede da sacristia velha, ao lado do colégio - trechos beneficiados, em beneficiamento e por beneficiar.

SPHAN 27
próMemória

opinião

Reflexões sobre as Missões Jesuíticas

(*) Ramón Gutiérrez

Tratando-se de um dos temas sobre os quais existe abundante bibliografia, não obstante é por seus valores intrinsecos e espetaculares realizações um dos centros de interesse renovado dentro da historiografia arquitetônica americana.

Dentro de uma perspectiva de reflexão crítica, parece-nos importante formular duas visões que possam ser objetos de reestruturação nos enfoques tanto urbanos quanto arquitetônicos das Missões.

A extensão da série "SUMMA HISTORIA" permite-nos uma aproximação genérica daqueles enfoques, razão pela qual remetemos a ela o leitor interessado a uma bibliografia complementar que pode dar um apoio documental e histórico mais amplo.

O TRAÇADO URBANÍSTICO DAS MISSÕES

Em geral, têm-se efetuado descrições minuciosas da estrutura urbana e inclusive analisado as potenciais vinculações com os modelos teóricos da "Cidade de Deus", a "Utopia" de Thomas Morus ou a "República" de Platão.

Entretanto, sem desmerecer tal aproximação, parece-nos substancial resgatar o caráter *pragmático* da ação da Companhia de Jesus, capitalizando por uma parte a primeira experiência missionária que os jesuitas tiveram na América do Sul (Juli, Peru, 1576) e depois as Missões propriamente ditas.

Por exemplo, hoje parece claro que a estrutura das Missões não foi sempre similar e ainda vemos, em fins do Século XVII, como o padre Sepp traça São João Batista (San Juan Bautista) seguindo suas peculiaridades urbanas, pelo menos sem seguir — segundo diz — conhecimentos teóricos ou imposições de modelos.

É também evidente que o modelo urbano jesuítico é abandonado quando a realidade do meio ou as forças da vida dos indígenas fazem-no desaconselhável. Tal se dá nos estabelecimentos costeiros das Missões jesuíticas de Maynas ou nos povoados do Tarumá paraguaio (San Estanislao, San Joaquín e Belén), onde os hábitos dos montanheses (moyas) exigiam a dispersão das casas para evitar os incêndios generalizados quando alguém abandonava o povoado e punha fogo em sua casa segundo o costume dos caçadores nômades.

Entretanto, junto ao pragmatismo é evidente a existência de uma planificação que, consolidada no Século XVIII, defende um conjunto de caracteristicas básicas para a estrutura urbana, que constituem uma tipologia reiterada não somente nos trinta povoados das Missões do Paraguai (Argentina, Brasil, Paraguai), como também nos outros tantos de Hojos e Chiquitos (Bolívia).

Um traço particular: estamos diante do único conjunto de povoados que oferece planificadamente uma *tipologia alternativa* frente ao traçado definido pelas Normas de Povoação de Felipe II (1573) e consolidado nas leis das Índias (1681).

A tipologia alternativa talvez seja um dos elementos centrais do caráter pragmático jesuítico, porque se forma do aproveitamento da experiência populacional espanhola no tocante às caracteristicas de seleção de localização, ao desenvolvimento dos núcleos missionários formados pelos franciscanos ou sujeitos ao clero secular na região guaranítica, aos critérios de uso do solo e vivenda do indígena e sobretudo — algo que consideramos essencial — uma visão barroca do funcionamento urbano.

Talvez com um sentido demasiado simplista, tem-se analisado o traçado dos povoados missioneiros como mera continuidade da proposta do "tabuleiro de damas" sem separar não só as mudanças estruturais que ela inclui, mas muito especialmente as de uso.

Em primeiro lugar, devemos contabilizar o desaparecimento do quarteirão como elemento ordenador do tecido urbano e do solar (★) ou repartição da terra urbana como forma de ocupação do solo. Realmente, o módulo compositivo da Missão jesuítica está definido pela unidade de vivenda, primeira resposta habitacional coletiva estabelecida de maneira repetida e planificada na América.

Embora a ordenação nasça da idéia renascentista da praça e da rua *a priori,* é indubitável que no caso da rua coexistem dois sistemas na Missão jesuítica, definidos pelo âmbito aberto habitual e o semicerrado das galerias das casas indígenas.

Estes portais que rodeiam perimetralmente as casas constituem centros essenciais da vida na região guaranítica, já que ali se concentram atividades básicas de estar, circular e comer. A rigor, as habitações unifamiliares constituem depósitos porque a vida se realiza do lado de fora, nelas situando-se predominantemente os leitos, o fogão e os assentos.

A notória variedade das dimensões e disposições das unidades de vivenda parece vinculada à existência de bairros ou zonas de assentamento diferenciadas de parcialidades indígenas, embora este seja um tema que requer um estudo mais precisado.

Uma segunda variação sobre o modelo populacional indio está na localização de um núcleo central dominante no conjunto, formado pelo templo, o colegio-residência e o cemitério. A concentração pontual se afirma na medida que o povoado só pode crescer em três dimensões, configurando-se este núcleo como um limite fisico preciso para a expansão urbana.

Os elementos que nos permitem definir as Missões como uma resposta urbanistica barroca se nutrem de duas vertentes, a formal e a funcional.

No primeiro caso, a privilegiada situação da avenida de acesso claramente definida e a vontade axial que remata na fachada do templo são sem dúvida uma alternação notória ao traçado tradicional do urbanismo americano. Esta força axial costuma caracterizar-se por um jogo de volumes simétricos que em alguns casos flanqueiam os acessos ao povoado (ermitas) ou inclusive à própria praça (oratório ou capelas de *miserere).*

O recurso de colocar o templo sobre escadarias e o sol do conjunto que desempenha o papel de núcleo como elemento concentrador da praça hierarquiza a idéia de uma cenografia ou telão de fundo do espaço aberto.

O uso da praça que concentra as atividades de festividades cívicas, religiosas e os próprios "regozijos" ou jogos da comunidade está muito vinculada à formalidade do cenário desta idéia tão barroca de "teatro do mundo".

A potenciação que os jesuítas realizam das formas rituais da cultura guaranítica como a música e a dança levam definitivamente a uma "atuação" permanente naquele cenário, onde até mesmo para se ir para o trabalho agrícola, faziam-no com tambores e flautas, segundo relatam os cronistas.

Estas ações podem se enquadrar claramente nos conceitos de *participação* e persuasão que informavam as idéias barrocas da contra-reforma e que se incorporam dinamicamente à vida das Missões jesuíticas.

Os elementos arquitetônicos do equipamento urbano desempenham um papel relevante na criação de um mundo "mágico e mutante", seja através das obras efêmeras como os arcos triunfais de palmas e flores, ou as capelas que conferem uma nova ordem ao espaço da praça por ocasião das procissões. Em outros casos, elementos permanentes, como colunas e cruzes, ou as capelas consagradas a um santo (Virgem de Loreto ou San Isidro Labrador) lembram a socialização global e radical do âmbito urbano onde o secular pertence a formas externas de uma cosmovisão integrada com o religioso como sustento.

A coincidência desta estrutura urbana como âmbito para o desenvolvimento da evangelização como objetivo central da ação jesuítica é notória, e por conseguinte a aproximação da noção da "cidade de Deus" não pode ser entendida senão como correlação entre a proposta pragmática e seu ajustamento permanente à direcionalidade impressa pelo modelo teórico.

Considerar as Missões jesuíticas como uma das escalas experienciais do urbanismo barroco americano nos permitirá no futuro adentrarmo-nos em outros traços mais complexos de suas decisões e respostas físicas e conceptuais.

AS ETAPAS ARQUITETÔNICAS DAS MISSÕES

O outro tema que nos parece importante seria rever a forma

(★) solar: terreno para edificar ou destinado a edificação (N. do T.)

habitual de se estabelecer as três etapas cronológicas-tecnológicas da arquitetura missioneira.

Em síntese, detecta-se uma etapa correspondente aos primeiros assentamentos e às conseguintes transmigrações quando das invasões paulistas, onde se utilizam os sistemas habituais das estruturas de madeira e as paredes feitas em taipa, adobe ou *estanteo*.

A segunda etapa de consolidação dos núcleos missionários nas últimas décadas do Século XVII vê surgir junto à estrutura independente de madeira, as paredes de remate simples feitas com pedra. A carência de elementos ligantes determinava a impossibilidade dos paramentos e a cobertura seguia sustentando-se por colunas de madeira (San Ignacio Miní).

A terceira fase está assinalada pela disponibilidade de cal e por conseguinte a existência de muros sustentadores que permitem a substituição da cobertura tradicional e a realização de abóbadas e cúpulas.

Assim estabelecido o tema, parece clara a validade da seqüência, se considerarmos determinante o eixo tecnológico como evolução da arquitetura missioneira.

Entretanto, parece-nos que cabe aqui uma indagação: por que, se os jesuítas buscavam sua linha de ação em potenciar as formar culturais indígenas e as condições do meio, entram em sua última fase na alternativa "européia"?

É óbvio que o processo desencadeado cerca de 1735 e que culminará em 1767 com a expulsão dos jesuítas está nos assinalando uma linha de força para a qual iam marchando as Missões sob o ponto de vista arquitetônico.

As obras inconclusas de San Cosme y Damián e Jesús, a torre de Santa Rosa ou de Trinidad (todas no Paraguai) assinalam indubitavelmente a vontade de mudança. Mas por que a mudança?

Não nos parece suficiente razão a disponibilidade de cal: definitivamente ela era condição necessária, mas a verdadeira motivação prende-se a uma vontade conceptual.

Podemos formular, sem dúvida, diversas hipóteses que terão de ser analisadas atentivamente. Uma delas pode se vincular a uma suposta "competição" entre os templos missioneiros em relação aos existentes nas cidades européias. Em princípio, apesar da surpresa que eles produzem em bispos e autoridades civis, não nos parece estar aí o problema. Poderíamos argumentar com o fato de que as duas cidades próximas, Assunção e Corrientes, tinham templos de qualidade inferior aos das Missões antes da mudança (há eloqüentes testemunhos disso) e foram em boa parte construídas durante as Missões. Podemos acrescentar que em Corrientes os mesmos jesuítas estavam levantando um templo de pedra com "fachada" e "torre" (ou seja, "à européia") no momento da expulsão. A razão, pois, não parece se prender à competição de prestígios.

Outra hipótese está vinculada à ação específica dos arquitetos jesuíticos. Não há dúvida de que muitos deles, de excepcional qualidade, estão ligados à realização de obras que seguem o tradicional sistema guaranítico da escultura sustentadora de madeira (Brasanelli, Petragrassa, Schmidt, etc.).

Tem-se, contudo, cogitado na alternativa de que a presença do irmão Juan Bautista Prímoli nas Missões e sua vinculação às obras de San Miguel e Trinidad poderia significar a razão ideológica da mudança por vigência de um novo modelo teórico.

Entretanto, Prímoli não se caracteriza por ser o teórico desenhador (que foi Blanqui), mas por ser o "construtor", o que faz ambígua sua gestão nas Missões. Ali, outorga-se-lhe o cargo de desenhador inovador e, ao mesmo tempo, pode-se verificar seu fracasso ao realizar a cúpula de Trinidad, tarefa que ficará a cargo do catalão Grimau (1756). Mesmo o padre Furlong põe em dúvida sua suposta autoria do desenho do templo de San Miguel, que é o que marca o corte em relação às tipologias em uso.

San Miguel é, pois, chave para se entender a evolução da arquitetura missioneira porque, embora utilize paredes portantes, sua cobertura era de madeira e foram feitas com uma cal muito pobre, o que evidencia uma vontade formal prévia e dominante antes da transformação tecnológica que se tem considerado até hoje como determinante.

Vale dizer que a intencionalidade "européia" do templo jesuítico de San Miguel indica uma atitude de mudança formal desligada da leitura tecnológica. Este ponto é chave para se revisarem as idéias mestras que presidem conceptualmente a geração desta etapa arquitetônica.

A rigor, podemos encontrar exemplos de transplantes europeus com anterioridade, como a capela que Sepp realizou no cemitério de San Juan Bautista copiando o traçado octogonal de Alto Hingen, seu povoado da Baviera. Podemos também encontrar sínteses notáveis, como as obras rococós do padre Schmidt nas igrejas de Chiquitos, em meados do Século XVIII, que, no entanto, conservam sua estrutura de madeira.

Não há, pois, uma linha cronológica nem uma vontade uniforme, mas o certo é que a última fase jesuítica nas Missões do Paraguai se desprende da linha de aperfeiçoamento do modelo vigente para abrir novos caminhos.

É interessante verificar que boa parte dos impulsionadores desta mudança, ou pelo menos os seus protagonistas, são jesuítas espanhóis, como Grimau, Forcada e Ribera. Este último, filho do famoso arquiteto barroco madrilenho Pedro de Ribera, mostra-nos uma curiosa versatilidade nos vãos dos arcos mistilíneos de influência mudéjar dos portais do templo de Jesus.

Não temos certeza de que a mudança de critérios arquitetônicos esteja diretamente vinculada à formação dos jesuítas espanhóis, mas tampouco podemos descartar esta hipótese.

Uma última questão, para completar estas reflexões sobre a arquitetura missioneira, é o papel que podemos atribuir aos tratados de arquitetura clássica como fonte de referência. Na biblioteca dos povoados de diversas Missões jesuíticas se encontravam livros de arquitetura e edições rarissimas dos Séculos XVI e XVII de Vitrúbio, Serlio, Palladio, Alberti, Vredeman de Vries, Scanozzi, Vignola etc.

Custa-nos hoje imaginar qual foi sua função operativa. Mas, em casos como o do tratado de López de Arena sobre "Carintería de lo blanco" que o padre Sánchez Labrador possuía, esta função era bastante óbvia vista sua aplicabilidade aos tetos de madeira (embora não haja evidências de olarias mudéjares nas Missões).

É provável que no "laboratório" da criação utópica que foram as Missões da Companhia de Jesus como aproximação da "cidade de Deus", este recorrer aos textos clássicos e às propostas prestigiadas "européias" fosse uma maneira de aproximar na prática os modelos paradigmáticos de sua cultura a esta nova realidade americana.

Como o processo ficou incompleto, não é difícil avaliar seus resultados finais, mas na capacitação dos guaranis não cabe dúvida de que foram tão ótimas que em duas décadas surgiram canteiros tão estupendos como os que trabalharam San Miguel e Trinidad sem experiência prévia em tais técnicas.

Estas reflexões sobre as Missões tendem, pois, a traçar novos aspectos críticos sobre o tema como uma maneira de recriar uma visão mais clara dos profundos e complexos elementos que ainda devemos elucidar a respeito das Missões. Como pode-se ver, não estou dando resposta ao problema, mas sim compartilhando-o com o amigo leitor.

(*) Ramón Gutiérrez é Arquiteto e Consultor da UNESCO

SPHAN 27
próMemória

Rio de Janeiro: Um balanço das obras de restauração

Nos últimos meses de 1983 realizou-se significativo volume de obras de restauração de monumentos históricos tombados pela SPHAN, na área de jurisdição da 6ª Diretoria Regional. Inúmeras já foram concluídas, várias estão em início de execução, diversas encontram-se em pleno andamento, seja de construções novas, seja de restauração de antigos prédios históricos. A 6ª DR/SPHAN/próMemória, que coordena tais obras nas áreas do Estado do Rio de Janeiro, apresenta a seguir um panorama geral do seu andamento no final de 1983/início de 1984.



ARQUIVO MHN

Palácio do Catete, sede do Museu da República.

Paço Imperial — primeira etapa das obras de restauração total. Concluidos os estudos, pesquisas iconográficas e prospecções arquitetônicas e arqueológicas, além da remoção das instalações dos Correios e Telégrafos e demolição da construção de quatro pavimentos erguida no interior do Paço, tiveram inicio em novembro passado os trabalhos de remoção parcial de elementos (demolições com recuperação ao nivel do 3º andar); execução de alvenarias, lajes e restauração de telhados. As obras foram contratadas com a Empreiteira Brizon Engenharia Ltda., ganhadora da licitação por convite realizada em agosto último. A restauração do Paço terá continuidade em 1984, mediante a conclusão da primeira etapa e lançamento da segunda e terceira fases.

Museu Histórico Nacional — no Museu Histórico Nacional foi contratada nos últimos meses de 1983 a execução de diversas obras e serviços de restauração, destacando-se: aparelhamento e instalação das áreas destinadas à Reserva Técnica e Sala de Trainéis, compreendendo elaboração de projeto executivo, fabricação, fornecimento e montagem das estruturas metálicas e seus componentes e acessórios (armários, estantes, escadas e mapotecas), contratados em final de novembro último com a Empreiteira Bernardini S/A — Indústria e Comércio; instalação do Laboratório de Conservação e Restauração do MHN, com substituição de piso, revisão geral de equipamentos e instalações, esquadrias e pintura, cujo contrato foi firmado em meados de dezembro passado com a firma J. B. Sertus Projetos e Serviços Ltda.; impermeabilização junto à calçada da Travessa Santa Luzia, na fachada sul do MHN, obra contratada também em dezembro com a empresa Rogil Impermeabilizações, Pisos e Revestimentos Ltda. O Museu Histórico Nacional concluiu, ainda, os projetos e especificações técnicas referentes às obras do seu auditório, de recuperação do telhado e da caixa-forte, a serem licitadas e executadas com recursos orçamentários de 1984.



ARQUIVO MHN

Aspecto atual e parcial da fachada Norte do Museu Histórico Nacional, depois das obras de restauração executadas de 1980 a 1981.

Museu da República — no Museu da República estão em fase final de execução as obras e serviços de restauração do telhado, compreendendo o prédio principal e anexo, contratados em maio de 1983 com a Empreiteira Construir Arquitetura Engenharia Ltda. Em janeiro deste ano deverá ser aditada a obra de supressão do "heliporto" lá existente e que serviu à Presidência da República no Governo de Juscelino Kubitschek.

Museu Nacional de Belas Artes — no MNBA foi igualmente significativo o volume de obras e serviços de restauração executados em 1983, destacando-se os seguintes, num panorama geral: levantamentos e projetos de arquitetura; restauração da Galeria do Século

XX; restauração de portas, venezianas e de um total de 180 cadeiras do Salão Nobre; restauração da cobertura (conclusão prevista para fevereiro de 1984); instalação de sistema de ar condicionado central no Salão Nobre e de equipamento de higienização industrial na Divisão de Conservação e Reparos; execução de painéis para salas de exposição; restauração de diversos bancos, estofamentos, lustres, *plafoniers*, portas e esquadrias.

Museu do Açude — no Museu da Casa do Açude, da antiga Fundação Castro Maya, acham-se em fase de conclusão as obras e serviços de restauração total do prédio, a ser entregue em final de janeiro de 1984. Além do contrato original com a Empreiteira Brizon Engenharia Ltda., foram executados obras e serviços complementares de restauração. Já em meados de dezembro passado foi dado inicio à primeira etapa das novas obras de contenção de encostras e drenagem no entorno do Museu, mediante a contratação da firma Sondotécnica Engenharia de Solos S/A para a instalação do canteiro, devendo ter continuidade a partir de janeiro de 1984, com a execução total do projeto, que prevê diversos pontos de contenção e drenagem.

Museu Nacional — construção e equipamento de Biblioteca do Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro, na Quinta da Boa Vista, em três pavimentos, conforme especificações técnicas da concorrência pública realizada pela UFRJ em 22 de agosto de 1983. O contrato com a Empreiteira Sondec Engenharia e Comércio prevê um prazo de 500 dias para execução da obra, sido contratada em 1983 uma primeira etapa de 60 dias.

Museu de Arte Sacra de Paraty — a Igreja de Santa Rita, em Paraty (RJ), atual Museu de Arte Sacra daquela cidade, também recebeu obras de conservação, tendo sido executados 50% dos serviços de pintura interna e externa do monumento, em contrato com o pintor Edilson Gomes de Siqueira.

Biblioteca Nacional — Na Biblioteca Nacional realizaram-se diversas obras de restauração durante 1983, destacando-se por sua importância: recomposição do edificio em seus aspectos originais; reforma dos elevadores; restauração e recuperação da cobertura e esquadrias externas; construção do laboratório de microfilmagem e restauração de documentos; pinturas nas salas de periódicos, processamento, seção de manuscritos, iconografia e outras. Ao findar-se o ano achavam-se em fase de conclusão dois importantes projetos da BN: a construção e montagem do mezzanino na Seção de Iconografia, obra contratada com a Empreiteira EMC-Estruturas Metálicas e Construções Ltda., e construção do Laboratório de Restauração e Expurgo, obra contratada no inicio de novembro último com a firma Mandala Engenharia Ltda. (ver matéria sobre a reinauguração da Biblioteca Nacional neste número).

Casa de Rui Barbosa — a Casa de Rui Barbosa contratou em meados de outubro passado, estando próximos de conclusão, obras e serviços de restauração do Museu, em 90 dias. A empreiteira foi a SPARCO-Serviços de Planejamento, Arquitetura, Construções Ltda.

Instituto Nacional do Folclore — no âmbito do Instituto Nacional do Folclore contratou-se a firma Monsanto Arquitetura e Construções Ltda. para executar a primeira etapa das obras de resturação do prédio da Rua do Catete, nº 181, pertencente àquele órgão. O serviço já foi concluido.

Jardim Botânico — para executar parte das obras e serviços de recuperação e pintura de cobertura e esquadrias nos pavilhões de entrada do Jardim Botânico do Rio de Janeiro, contratou-se a firma Monsanto Arquitetura e Construções Ltda. Os serviços iniciais duraram 15 dias, ficando para este ano a continuação das demais etapas, consistindo de ferragens, vidros, metais, luminárias e outros.

Colégio Pedro II — no Colégio Pedro II foram iniciadas as obras e serviços de escoramento do forro e teto do Salão Nobre, mediante a execução de uma primeira etapa, em contrato com a empresa Construir-Arquitetura Engenharia Ltda.

Palácio Itamaraty — para o Palácio Itamaraty, atual Museu Histórico e Diplomático, foram executadas diversas pequenas obras e serviços de conservação e reparos de seus salões. A Empreiteira Monsanto-Arquitetura e Construções Ltda. executou os trabalhos.

Convento de Santa Maria dos Anjos — em Cabo Frio (RJ), a firma empreiteira de Eronides da Silva Santos foi contratada para executar a primeira etapa das obras e serviços de conservação e pintura do Convento Santa Maria dos Anjos, tendo executado aproximadamente 70% dos serviços; o restante será contratado este ano. Também em Cabo Frio, promoveu-se no último mês de 1983 a execução dos serviços de restauração do mobiliário do citado Convento (bancos e cadeiras), trabalho executado pelo decorador José Libonati.

Fazenda Calubandê — para a Fazenda Calubandê, localizada no Município de São Gonçalo (RJ), foram realizadas obras de emergência, com a recuperação de telhados (estrutura e recomposição de telhas quebradas), na casa principal e capela anexa. A obra foi executada por administração direta.



PEDRO LOBO / FNPM

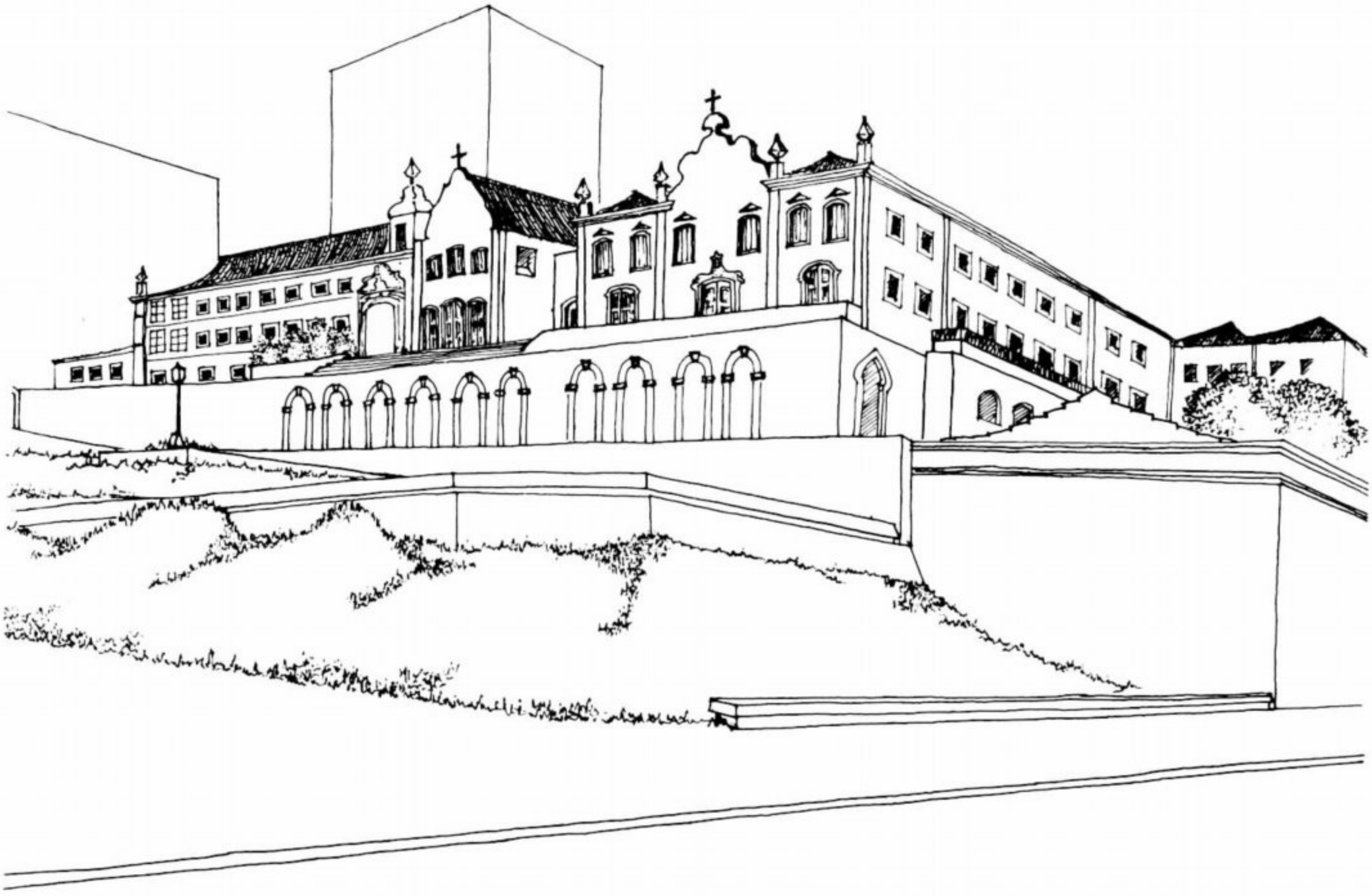


ARQUIVO SPHAN

Na foto ao lado, prédio do Colégio Pedro II, situado à Rua Marechal Floriano, Rio. Abaixo, vista do Convento de Santa Maria dos Anjos, sede do Museus de Arte Religiosa e Tradicional de Cabo Frio.

SPHAN 27
próMemória

Largo da Carioca terá seu patrimônio restaurado



O tradicional Largo da Carioca, no Rio de Janeiro, terá em breve dois de seus monumentos tombados pela Subsecretaria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional completamente recuperados. Para tanto foi assinado no dia 22 de dezembro último um convênio que prevê a restauração do Convento de Santo Antônio e da Igreja da Ordem Terceira de São Francisco pelas seguintes instituições: Fundação Nacional próMemória, Província Franciscana da Irmandade da Conceição do Brasil, Venerável Ordem Terceira de São Francisco da Penitência, Secretaria da Ciência e Cultura do Estado do Rio de Janeiro, Fundação Roberto Marinho e o Citybank.

A Igreja de São Francisco é considerada uma das jóias do barroco e possui quadros de D. Pedro II e D. Tereza Cristina pintados no século XIX, e ainda todo o madeirame, portas, assoalho e mobiliário em jacarandá; foi construída em 1654 com um trabalho de entalhe realizado no início do século XVIII.

Já o convento de Santo Antônio, que serviu de refúgio para a população carioca durante a invasão francesa, foi ocupado por instalações públicas no século XIX, abrigando um arquivo e foi transformado até em quartel no período de 1885 a 1901. Este patrimônio foi bastante sacrificado pelas obras do Metrô no Largo da Carioca, em 1981, momento em que apresentou rachaduras em seu interior. Na ocasião foram realizadas obras de consolidação sob a supervisão da SPHAN. Contudo ainda existem problemas nas pinturas, no reboco e também de conservação, pois o altar da Igreja do Convento, feito de madeira entalhada e folheado a ouro, precisa de limpeza.

O convênio prevê ainda a recuperação da fachada e do telhado, já que o último retelhamento foi feito em 1910.

As obras serão executadas pela João Fortes Engenharia e coordenadas pela 6ª DR da próMemória, através do Arquiteto Sabino Barroso, autor do projeto, que prevê a transformação do atual paredão em rampa, a fim de facilitar o acesso ao convento e liberar a visão do conjunto para o Largo da Carioca. Atualmente, o acesso ao convento é feito por escadas e elevadores; desaparecerão as escadas e a torre de um dos elevadores, agora já fora de uso. Serão reabertos os antigos vãos das portas da parede dos fundos do hospital da Penitência, demolido pelo ex-Prefeito Perreira Passos. A construção que atualmente serve de Secretaria da Ordem Terceira da Penitência também será demolida; o espaço conquistado com essas demolições será aproveitado como pátio. No entanto, para que tais mudanças possam ser feitas é necessário que seja também demolida a casa de número 3, da rua da Carioca, que atualmente abriga uma pastelaria no 1º pavimento e restaurante no 2º e 3º pisos. Segundo Sabino, isso pode gerar polêmica, mas é necessário porque o prédio em questão impossibilita a visão do convento quando este é observado da Rua Uruguaiana; além do mais isto virá a preservar o seu entorno já que o conjunto arquitetônico da Rua da Carioca possui apenas casas de dois andares, sendo a casa de número 3 a única de três pisos, quebrando a harmonia do conjunto. Essa demolição é tão importante quanto a do edifício Carioca, de 11 andares, ocorrida em 1972, que impossibilitava completamente a visão deste monumento.

A restauração do convento e da igreja está orçada em torno de Cr$ 300 milhões e a previsão para a sua realização é de aproximadamente 10 meses. Cada uma das entidades

envolvidas no convênio tem uma responsabilidade pré-estabelecida — à Secretaria da Cultura do MEC, através da SPHAN e da prόMemória, cabe o acompanhamento das obras e prestação de apoio técnico, arcando com a responsabilidade das mesmas; a Província Franciscana da Irmandade da Conçeição do Brasil e a Venerável Ordem Terceira de São Francisco de Penitência deverão acompanhar os projetos técnicos, autorizar as obras de conservação e restauração do conjunto e ainda colaborar na criação de condições adequadas ao bom desenvolvimento do trabalho; à Secretaria de Ciência e Cultura do Rio de Janeiro cabe a incumbência de coordenar as atividades que serão desenvolvidas no local, além do acompanhamento e prestação de apoio técnico; a Fundação Roberto Marinho tratará da divulgação das diversas etapas do projeto e ao Citybank caberá a parte de financiamento do mesmo.

Após a conclusão das obras o carioca terá motivos para sentir-se mais orgulhoso ao admirar aquelas igrejas que já foram conhecidas como "Santo Antônio dos Ricos" e "Santo Antônio dos Pobres".



ARQUIVO SPHAN

Aspecto atual do Convento de Santo Antônio. As construções que tiram a visão do conjunto serão demolidas, o que dará ao monumento as linhas indicadas pelo desenho na página anterior.

Casa da Moeda será restaurada para abrigar o Arquivo Nacional

A Fundação Nacional prόMemória e o Arquivo Nacional do Minsitério da Justiça celebraram convênio com o objetivo de elaborar os projetos de restauração do prédio da Casa da Moeda, localizado na Praça da República, nº 173, no Rio de Janeiro, futura sede do Arquivo Nacional. O prédio foi tombado no dia 23 de maio de 1938.

O acordo conta com a interveniência da SPHAN e do CEDATE-Centro de Desenvolvimento e Apoio Técnico à Educação. Firmaram o ato: pelo Arquivo Nacional, sua Diretora, Celina do Amaral Peixoto Moreira Franco, e pela Fundação prόMemória, o Presidente Marcos Vinicios Vilaça. A SPHAN foi representada por seu Subsecretário, Irapoan Cavalcanti de Lyra, e o CEDATE pela Diretora Gilka Alves Wainstein.

Os objetivos do convênio consistem na prestação de serviços técnicos especializados e assessoria, para elaboração, em consonância com o Arquivo Nacional, de projetos arquitetônico, estrutural, de instalações elétricas, hidráulico-sanitárias, telefonia, ar condicionado, prevenção e combate a incêndio, luminotécnica, paisagismo e programação visual, bem como suas respectivas especificações técnicas, destinadas à restauração e adequação às necessidades do Arquivo Nacional daquele conjunto arquitetônico.

São os seguintes os encargos de cada uma das entidades convenentes: Arquivo Nacional - fornecer os dados necessários aos projetos de restauração e supervisionar sua execução; prόMemória - elaborar os projetos e especificações técnicas; SPHAN - assessorar, acompanhar, analisar e aprovar os projetos desenvolvidos; CEDATE - fiscalizar a execução dos serviços contratados.

O convênio, que vigorará pelo prazo de seis meses, podendo ser prorrogado, terá recursos fixos e irreajustáveis no valor de Cr$ 61 milhões, repassados pelo Arquivo Nacional à Fundação prόMemória.



ARQUIVO SPHAN

Vista parcial da fachada da Casa da Moeda, localizada na Praça da República, no Rio de Janeiro.

ARQUIVO SPHAN

A Casa da Moeda é monumento tombado pelo Patrimônio Histórico desde 1938 e a sua restauração vai possibilitar melhores instalações ao Arquivo Nacional do Ministério da Justiça.

SPHAN 27
próMemória

Biblioteca Nacional: Agora, uma casa modernizada

Com a presença do Presidente da República, João Figueiredo, do Ministro-Chefe da Casa Militar, Rubem Ludwig, da Ministra da Educação e Cultura, Esther de Figueiredo Ferraz e de outras autoridades, foi reinaugurada a Biblioteca Nacional, no Rio de Janeiro, em cerimônia realizada no dia 12 de dezembro último.

Na ocasião, o Presidente descerrou a placa comemorativa da reforma, assinou ata marcando sua visita e condecorou a Diretora da BN, Célia Zaher, com a Ordem do Mérito Educativo, no grau de Comendador. A seguir, percorreu os salões de leitura e a Seção de Iconografia, que recebeu o nome de Sala Aloísio Magalhães, em homenagem ao idealizador das reformas. Lá, serão expostos alguns dos móveis originais da Biblioteca, que datam de 1910, e foram totalmente recuperados, além de alguns dos 145 livros de arte doados pelo Cônsul Geral da Itália, Paolo Bruni, e do menor e o maior livros pertencentes ao acervo da Biblioteca, medindo, respectivamente, meio centímetro, o primeiro, e 90 por 67 centímetros, o último.

No mesmo dia foi aberta no sagüão do prédio a exposição "Acervo Precioso", que, entre as peças mais raras, conta com um missal manuscrito do século XV; com a Bíblia de Mogúncia, que marca os primórdios da Imprensa; e com um evangeliário (transcrição dos quatro evangelhos) que data dos séculos XI e XII.

Ao invés da antiga precariedade das instalações e do serviço de atendimento deficiente, o usuário da Biblioteca Nacional a encontrará, após as reformas, completamente modernizada, em excelentes condições, tornadas possíveis graças aos esforços da SPHAN/próMemória, que orientou as obras, e da Secretaria da Cultura do MEC, que alocou recursos, da ordem de Cr$ 1 bilhão e 200 milhões, e convidou Célia Zaher, solicitando-a à UNESCO, para coordenar a execução dos trabalhos.

Com as obras, a Biblioteca Nacional não só teve o interior de seu prédio totalmente restaurado, como pode acelerar o ritmo dos projetos de catalogação por computador, microfilmagem de periódicos e recuperação de obras raras. Além disso, foram feitas modificações na área administrativa, resultando em grande melhora no serviço de atendimento ao público.

MICROFILMAGEM

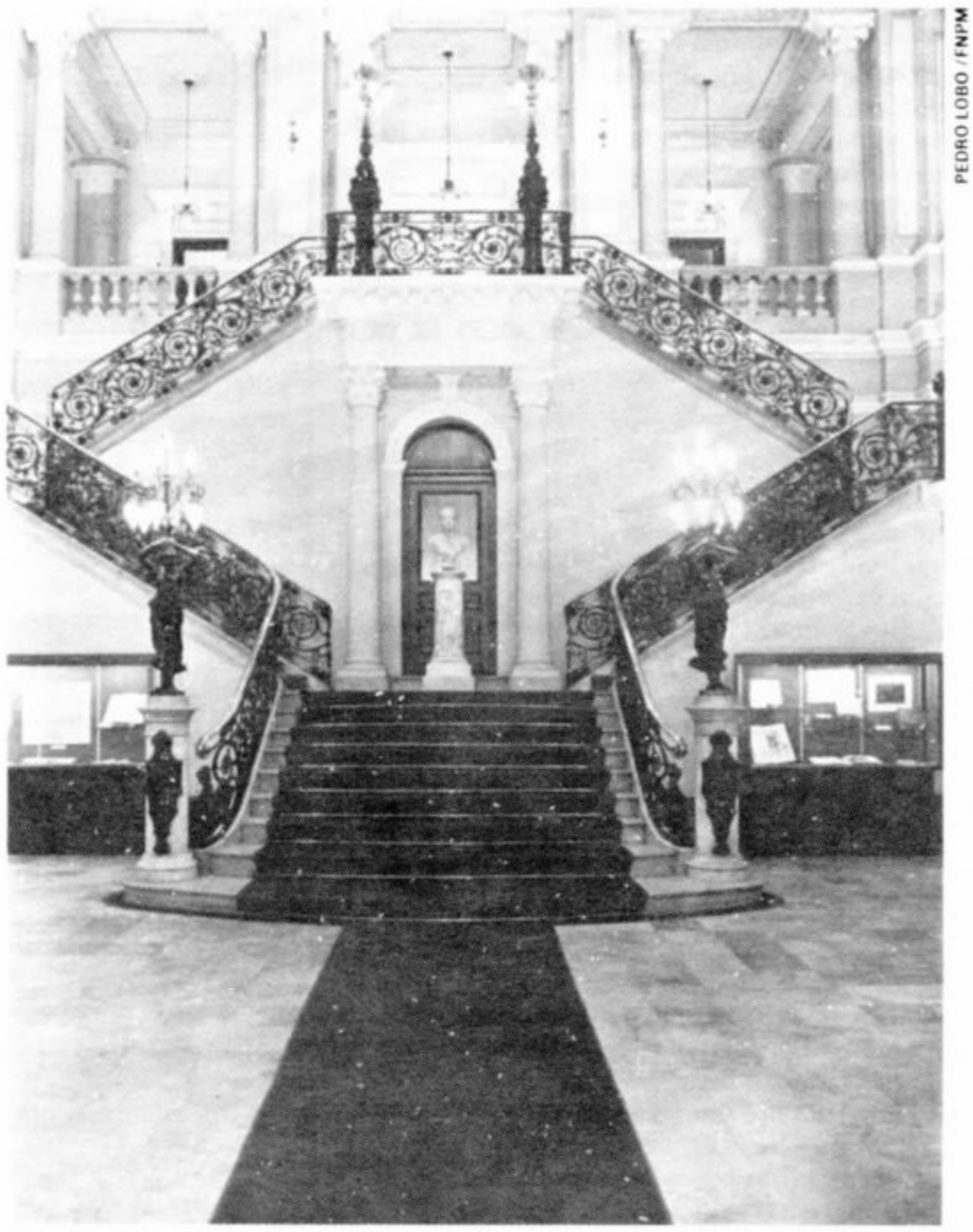
O Plano Nacional de Microfilmagem de Periódicos consiste na coleta de jornais e revistas não especializados, em todos os Estados brasileiros, a fim de que sejam microfilmados e tenham seus microfilmes arquivados para fins de consulta. As reformas dotaram a Biblioteca Nacional de um laboratório capacitado a receber matrizes de todo o Brasil, além de quinze aparelhos leitores de microfilmes e um leitor copiador, fáceis de manusear, que estão à disposição do público no salão de leitura.

Segundo Ester Bertoletti, coordenadora do Plano Nacional de Microfilmagem e Restauração de Obras Raras, este trabalho é de grande importância pois a Biblioteca possui um acervo composto de preciosos livros e manuscritos do século XV ao XVIII, muitos trazidos por D. João VI, únicos no Brasil, que dessa forma são salvos do desgaste causado pelo constante manuseio das coleções.

RESTAURAÇÃO

No campo da restauração, com o auxílio da Fundação Nacional próMemória, do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico — CNPq —, da Organização dos Estados Americanos — OEA, da Financiadora de Estudos e Pesquisas — FINEP — e da Coordenadoria do Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior — CAPES — a Biblioteca Nacional adquiriu equipamentos da França e da Espanha, com o objetivo de agilizar os processos de desinfestação e obturação de livros.

Além disso, para garantir a conservação das obras restauradas estão sendo promovidos vários cursos e seminários para formação de técnicos especializados. A Biblioteca, juntamente com o Arquivo Nacional e a



PEDRO LOBO / FNPM

Vista do saguão de entrada da Biblioteca Nacional, já restaurado

Fundação Casa de Rui Barbosa, trouxe ao Rio a pesquisadora quimica Claire Chahine, Diretora-Adjunta do Centre de Recherche Pour la Conservation de Documents Graphiques, da França, que além de aplicar o curso examinou os depósitos de documentos das três casas, concluindo que seus maiores problemas são o constante ataque de microorganismos, a poluição e as condições climáticas inadequadas a que estão expostos.

Ainda visando melhorar o nivel de formação de seu pessoal, a Biblioteca está providenciando a ida de vários bolsistas para a Inglaterra, Itália, França e Espanha, a fim de ingressarem em cursos de mestrado em restauração e preservação. Existe também a intenção de promover cursos destinados aos funcionários de outras bibliotecas, colaborando para o aumento do número de profissionais qualificados, em todo o Pais.

COMPUTADORES

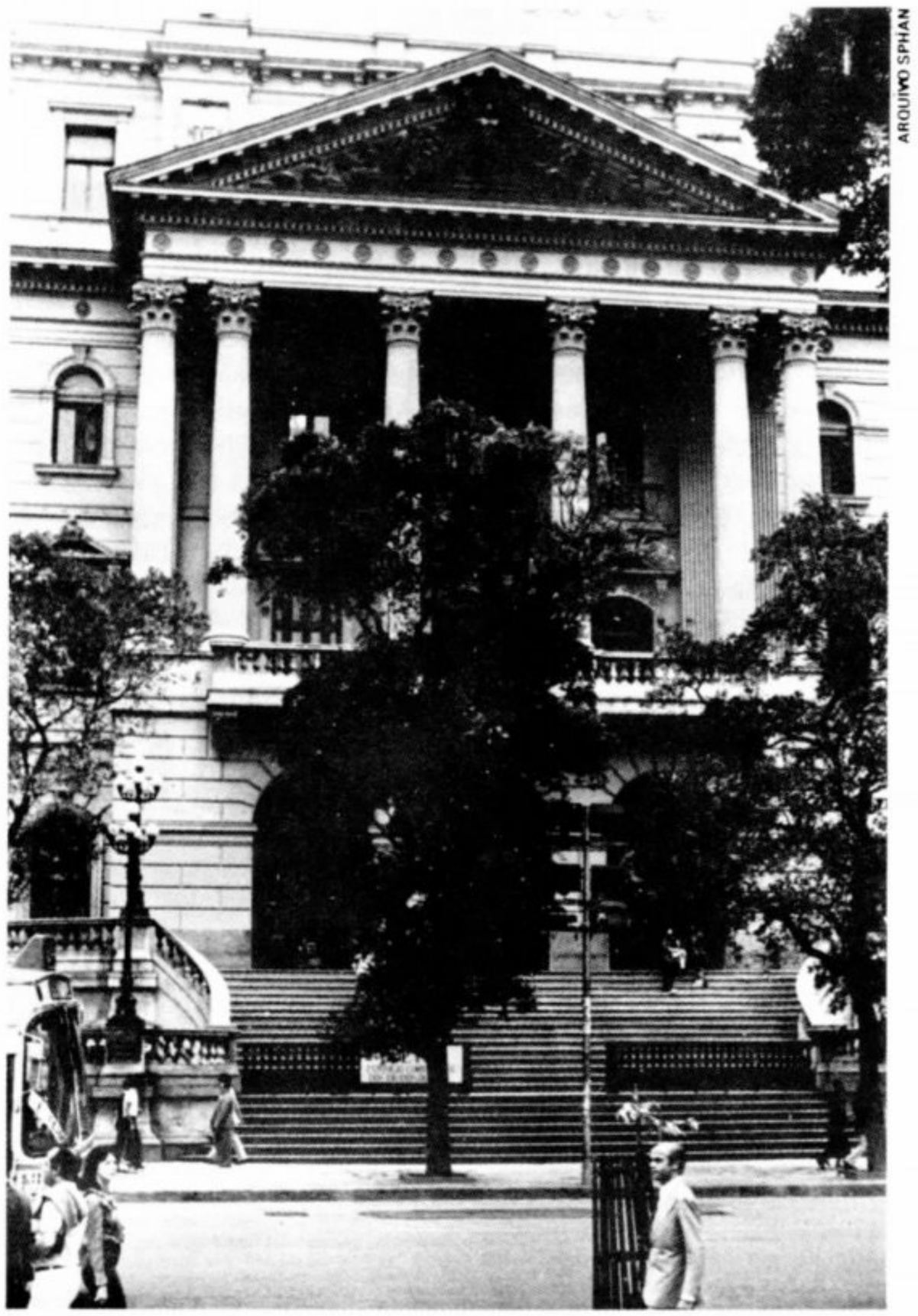
Quanto à automação, foi firmado convênio com a Fundação Getúlio Vargas, a fim de possibilitar uma catalogação mais rápida e correta, já que, com o aumento diário do número de obras ocasionado pela campanha que a Biblioteca realizou, incentivando o cumprimento do depósito legal, faz-se necessária uma constante agilização desses trabalhos. Esse sistema está sendo implantado em conjunto com outras 13 bibliotecas, possibilitando uma grande reciclagem de informações. Já foram catalogados mais de 50 mil titulos e, em breve, começará a catalogação das obras raras.

O PRÉDIO

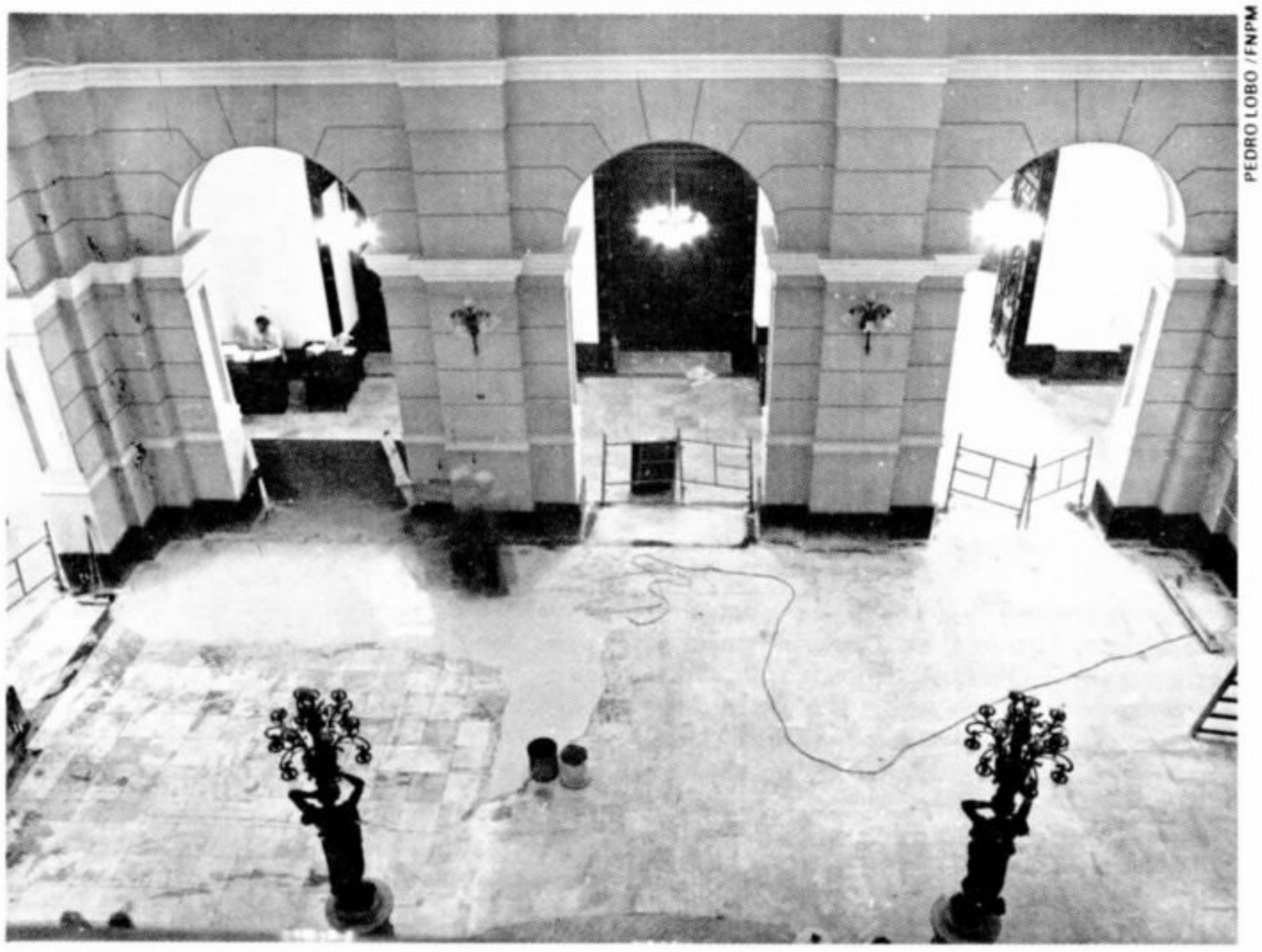
O prédio da Biblioteca apresentava rachaduras e infiltrações e precisou ser completamente restaurado, o que exigiu vários cuidados pois, por fazer parte da lista de monumentos tombados pela SPHAN, sua estrutura, de ferro coberto por gesso, não pode ser modificada.

Um dos maiores problemas que apresentava era a falta de espaço, já que, ao ser construido, em 1910, previa-se um acervo de 400 mil peças e este, hoje, já chegou aos 4 milhões. Por isto, todas as seções precisaram ser analisadas e, depois disso, remanejadas, ou não, para salas que pudessem comportá-las, visando um aproveitamento mais racional do espaço disponivel. Além disso, todos os móveis desnecessários ao funcionamento das seções foram redistribuidos criando-se novos espaços em cada sala e até mesmo nas estantes de livros, onde foi feito um levantamento de todas as duplicatas existentes encaminhando-as às várias bibliotecas que as solicitaram para seus acervos.

A Biblioteca Nacional é agora uma nova casa, perfeitamente adaptada à realidade das grandes bibliotecas mundiais. Tudo isso, sem que o atendimento fosse interrompido, nem mesmo por um dia. Enquanto se restaurava uma sala, seus ocupantes eram transferidos para outras e, até mesmo, para os corredores. Todos os funcionários continuaram realizando normalmente suas funções, evitando-se, com o não fechamento da Biblioteca durante as obras, que seus usuários fossem prejudicados.



ARQUIVO SPHAN



PEDRO LOBO / FNPM

O prédio da Biblioteca Nacional foi totalmente restaurado e adaptado às atuais necessidades do órgão. Nas fotos, vistas da fachada do edifício e do saguão de entrada passando pelas obras de restauração.

Novembro/Dezembro 1983

SPHAN 27
próMemória

Arquiteto alemão revê Brasília e conhece trabalho sobre revitalização de núcleos históricos

"Em que outra cidade brasileira pode-se ter essa qualidade de vida? As superquadras, o ar puro, tempo para descansar e pensar. Sempre que venho aqui, olho os monumentos, dou um passeio pelo setor de embaixadas, sinto-me revigorado".

Brasília exerce um fascínio muito grande sobre Edgar Heydock, autor das palavras acima. Sem dúvida, palavras de um verdadeiro aficcionado pela cidade, que a visitou pela sexta vez nos últimos seis anos, em novembro passado. Edgar Heydock é o Planejador-chefe da cidade de Wiesbaden, na Alemanha. Veio ao Brasil através do Acordo de Cooperação Técnica Brasil-Alemanha, gerido pelo CNDU — Conselho Nacional de Desenvolvimento Urbano, órgão do Ministério do Interior, e pela Fundação PróMemória, para acompanhar o trabalho de cadastramento da arquitetura nos Municípios de colonização italiana e alemã, no Rio Grande do Sul.

Em sua estada na cidade, antes de seguir para o Rio Grande do Sul, o Arquiteto alemão Edgar Heydock participou, no auditório do Ministério do Interior, da apresentação do trabalho sobre a revitalização de núcleos históricos brasileiros, que vem sendo realizado pela SPHAN/próMemória e CNDU/BNH, nas cidades de São Luis e Olinda (SPHAN nº 25, pág. 21 e nº 22, pág. 30). Como Planejador-chefe da cidade de Wiesbaden — um tipo de cidade-modelo na Alemanha, onde não há monumentos isolados, e sim uma cidade inteira a se preservar — Heydock está bastante familiarizado com a questão do trabalho conjunto entre as áreas de preservação e planejamento urbano.

Para ele, a necessidade de um trabalho conjunto entre SPHAN e CNDU não é algo óbvio, "porque em geral a mentalidade oficial é estática nesse nivel, encontra fortes oposições, não apenas no Brasil mas na Alemanha também". Ao destacar a importância desse tipo de experiência entre os dois órgãos, "que abre novas perspectivas, novos pontos de vista que são sempre saudáveis, não apenas para os planejadores mas também para os técnicos do Patrimônio", Heydock enfatizou que "essa *plantinha* da cooperação deve ser cuidada da melhor forma possivel, não se deve ter medo dos obstáculos e todas as dificuldades devem ser superadas".

São Luis e Olinda, como projetos-piloto do programa de preservação e revitalização de núcleos históricos desenvolvido entre SPHAN e CNDU, são experiências que têm que dar certo, segundo Heydock, "pois a grande importância do caráter modelar desse trabalho está em seu aspecto propagandistico, porque dentro de alguns anos, se se colher bons resultados em termos de imprensa, a opinião pública estará bem mais preparada".

Edgar Heydock enfatizou seguidas vezes a participação da população como elemento central nesse tipo de atividade. Para ele, "se reveste de grande importância essa participação, porque seria uma forma de tirar a população de uma atitude apática, quase de letargia, sobretudo no Nordeste, atualmente". Dentro dessa proposta de participação popular, prossegue Heydock, o importante é encarar as pessoas "como parceiras numa atividade complexa, não apenas como álibis: que não sejam os receptores de uma dádiva, mas pessoas capazes de contribuir efetivamente para o seu próprio beneficio".

Outro aspecto considerado importante nesse tipo de trabalho, ainda de acordo com o Arquiteto, é a participação dos Municipios,



FERNANDO BIZERRA



FERNANDO BIZERRA

Brasília exerce um grande fascínio sobre Edgar Heydock, para quem a capital da República é um monumento internacional da arquitetura contemporânea. Na foto acima, vista parcial do Eixo Monumental, do mirante da Torre de Televisão, com destaque para o Setor Hoteleiro Norte (à esquerda). Em segundo plano, vê-se a Estação Rodoviária (ao centro) e o Setor de Diversões Norte (à esquerda). Ao fundo, a Esplanada dos Ministérios e o Congresso Nacional. Na foto ao lado, vista geral da Catedral, monumento tombado pelo Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.

para que se chegue a um processo completo, não apenas de participação popular, de um lado, e de outro o BNH e a próMemória, como provedores de recursos. Os prédios históricos recuperados abrigariam serviços para a comunidade, como escolas, jardins de infância, etc. Experiências como essa também vêm sendo desenvolvidas na Alemanha, por uma instituição chamada "Novo Lar", que é uma confederação de sindicatos e uma espécie de BNH, segundo Heydock, surgida depois da 2ª Guerra Mundial, para construir casas para a população.

Com o tempo, conseguiu-se utilizar os serviços da instituição para a recuperação e revitalização de áreas históricas das cidades alemãs. A maior dificuldade, segundo o relato do Arquiteto, foi se conseguir com os técnicos do órgão a flexibilização das normas e padrões utilizados — construção de casas em série, geminadas — para tornar possível o trabalho de revitalização dos centros históricos.

Além de relatar suas experiências de trabalho na Alemanha, Edgar Heydock interessou-se também por vários aspectos da questão do patrimônio no Brasil, em particular sobre Olinda e São Luís. Considerando-se não apenas um simples observador, o Arquiteto disse sentir-se co-responsável e na obrigação de contribuir, pois "a partir das experiências na Alemanha observo que a problemática não é muito diversa, embora as situações sejam diferentes". Heydock explicou que em seu país um dos principais suportes da política de preservação reside no fato de que a própria Municipalidade veio a constituir um estoque regulador de imóveis, pois recuperava e dava novas funções aos prédios, e contrabalançava a atuação dos especuladores.

Quanto à questão da especulação, Heydock acha muito importante a elaboração de mecanismos legais, estritos, pois no caso do especulador vir a comprar imóveis nas áreas históricas, não haveriam tão grandes problemas; uma vez que isso faz parte do sistema capitalista, o viável seria direcionar essas atividades através dos órgãos de preservação.

BRASÍLIA

Trabalhar na área de patrimônio histórico não diminui o interesse de Edgar Heydock pela arquitetura contemporânea, e Brasília, sem dúvida, exerce um fascínio todo especial sobre o Arquiteto. Falar sobre a cidade, para ele, é sempre uma tarefa agradável. Nos dois dias em que permaneceu em Brasília, Heydock participou de duas reuniões do Grupo de Trabalho criado há três anos com a finalidade de estudar formas de proteção ao patrimônio histórico e cultural da cidade, realizadas na sede da Fundação próMemória e que reuniu técnicos da SPHAN/próMemória e da Universidade de Brasília. Além disso, o Arquiteto colheu material para prosseguir no estudo que vem fazendo sobre a cidade.

Algumas de suas opiniões sobre a cidade, emitidas nas duas ocasiões:

"Nenhum arquiteto pode ignorar o fenômeno que foi Brasília. Depois de 30 anos sem qualquer novidade na área da arquitetura, eis que surgem profissionais com uma proposta totalmente nova no país. Há um consenso de que Brasília é um monumento internacional da arquitetura contemporânea, e eu, que tenho o maior interesse em conhecer todas as manifestações dessa ciência-arte não poderia descartar Brasília, uma espécie de símbolo nacional. Sem dúvida alguma, podemos dizer que Brasília é a única cidade brasileira que inovou em termos de arquitetura e criou a imagem de um Brasil mais de acordo com o que ele é. De fato, os brasileiros têm esse perfil de arrojo, de busca do futuro".

Para o Grupo de Trabalho de Brasília, Heydock falou sobre a evolução da Capital nesses últimos seis anos. "Noto o crescimento da apropriação efetiva da cidade por seus moradores, com a conseqüente modificação de alguns aspectos como, por exemplo, o sistema viário: apareceram novos caminhos, principalmente para os pedestres, e que não estavam planejados".

Sobre o desgaste a que a cidade estaria sujeita, apesar de muito jovem ainda, o Arquiteto acredita ser mais apropriado falar de preservação ao invés de restauração. "Alguns monumentos, como a Praça dos Três Poderes, a Catedral, o Teatro Nacional e o Palácio da Alvorada, devem permanecer como estão. Considero-os das melhores arquiteturas de Brasília".

Ao ser indagado sobre o que apontaria de errado na cidade, Edgar Heydock observou que "todos os equívocos estão relacionados aos grandes espaços que são destinados ao público, mas muito pouco utilizados. Além disso, há prédios muito altos no Setor Bancário Sul, que escondem a vista da Praça dos Três Poderes. Lúcio Costa não pretendeu isso: foi uma deformação".

O fato da opinião pública, de um modo geral, ser contra a cidade é um grande equívoco, para Heydock. Para ele, "com a vinda das pessoas a cidade se humanizou. Vieram os debates, os estudos, o trabalho e tudo o mais que decorre da presença das pessoas". Os problemas sociais decorrentes do rápido crescimento da cidade, segundo o Arquiteto, devem ser solucionados pelos administradores, de uma forma justa para toda a população. "A estética própria da cidade, sua feição espacial, transcendem a qualquer coisa; a beleza e a criatividade não estão sujeitas nem a tempo nem a espaço, são símbolos eternos".

Heydock observou, por último, que o Brasil e Brasília são muito conhecidos na Alemanha, "mas Brasília é muito mais ainda no meio dos arquitetos e urbanistas. Ainda há pouco realizei um documentário sobre Brasília para uma tevê alemã. Penso que é uma importante integração dos dois países em todos os aspectos e seria uma experiência fascinante a troca de informações entre todos os países".



FERNANDO BIZERRA

Vista parcial da Praça dos Três Poderes, vendo-se o estacionamento da Câmara dos Deputados, o Palácio do Planalto e o mastro da Bandeira Nacional.



FERNANDO BIZERRA

Vista frontal/geral do Palácio do Buriti e Anexo, sede do Governo do Distrito Federal.

SPHAN 27
próMemória

PROJETO EXTRA-MUROS DO MNBA EM ITAIPU E PARATY, RIO DE JANEIRO

O Projeto Extra-Muros, em seu subprojeto denominado Implantação de Projetos Locais, obteve, no semestre passado, um enorme sucesso, quando instalou nos museus de Arqueologia de Itaipu e Arte Sacra de Paraty, atividades educacionais desenvolvidas junto àquelas comunidades, envolvendo alunos e professores de 1º e 2º graus.

O Projeto Extra-Muros é uma iniciativa da Fundação Nacional próMemória, através do Museu Nacional de Belas Artes e tem como objetivo principal levar os serviços do MNBA a outras cidades (SPHAN 20, pág 10) dando apoio à realização de atividades e melhor aproveitamento de seus espaços culturais. Daí o nome Extra-Muros: extra Museu Nacional de Belas Artes.

A idéia de atuar em Itaipu e Paraty surgiu em 1983, quando da restauração de algumas das galerias do MNBA, que, interditadas, restringiam a visitação a seu acervo e impossibilitavam o desenvolvimento de atividades educacionais ali realizadas.

A certeza do sucesso é unânime entre as pessoas envolvidas no projeto. A vontade de continuar a desenvolvê-lo nestes museus é muito grande, e a partir do início desse ano, os trabalhos já foram intensificados. O Diretor do Museu Nacional de Belas Artes, Prof. Alcidio Mafra, diz que o projeto excedeu as expectativas, pela receptividade havida no seio das comunidades locais e pelo que representou em termos de desdobramento da idéia inicial.

A EXPERIÊNCIA DA PESCA NA CULTURA DE ITAIPU

A reabertura do Museu de Arqueologia de Itaipu, em 24 de novembro de 1982 (SPHAN nº 21, págs. 5, 6 e 7), proporcionou uma aproximação entre esse espaço cultural e a comunidade, em sua maioria ligada à pesca. Aproveitando este contato, a equipe do Extra-Muros começou suas atividades através daquelas famílias com o programa Trocando Experiências, que levou as esposas dos pescadores para o espaço do Museu a fim de mostrarem o que aprenderam ao longo de suas vidas de esposa, mulher e dona-de-casa. Este tipo de aproximação serviu para despertar o interesse das crianças do local, ao verem suas mães transformadas em agentes culturais.

O contato posterior foi mantido com as escolas que compõem as micro-regiões de Itaipu, Itaipuaçu, Piratininga, Itacoatiara e Camboinhas, que foram informadas de que o Museu de Arqueologia estava à disposição para a participação dos alunos interessados.

A primeira atividade foi o Atelier Infantil, que consistiu em visita orientada a todo o acervo do Museu. Posteriormente montou-se a I Mostra Infantil de Artes, onde as crianças exprimiam, através das artes plásticas, tudo o que ali assimilaram.

Outra atividade foi o Projeto Ver e Ouvir, que foi realizado no dia 10 de novembro, com a apresentação do Bumba-Meu-Boi, pelo Grupo Ejoca de Teatro do Externato São Caetano de Alcântara, São Gonçalo.

Atualização de Professores para Recursos Educativos nos Museus foi outra atividade desenvolvida e que visou ao treinamento dos professores da comunidade local para conhecimento de técnicas de liderança dos alunos para atividades educacionais nos museus. Dentre os diversos temas, foi abordado Dinâmica de Grupo, Arte Primitiva e Arte Ingênua e Desenvolvimento da Criatividade Infantil, todos acompanhados de aulas práticas.

EM PARATY UMA HISTÓRIA DIFERENTE

A idéia inicial era utilizar o mesmo projeto, com todas as suas características, em Paraty. Houve, porém, uma resistência da comunidade. Suas bases foram reformuladas, adaptando a proposta às características locais. Este programa serviu como início de um processo de esclarecimento da posição da SPHAN em relação a Paraty e dos deveres e direitos dos cidadãos para com os bens da cidade.

Os professores, público alvo do projeto, foram sensibilizados para a riqueza cultural da área e para forma de interação do fazer da comunidade e das práticas educacionais.

Nesse sentido, 34 professores de 18 escolas discutiram conceitos como preservação - por que, como e quem preserva? - tombamento, produção de bens culturais; realizaram um levantamento histórico da cidade e mapeamento cultural do Município, elaborando material didático (folhetos, cartilhas, etc.).

As museólogas Yara Mattos (Museu de Arqueologia de Itaipu) e Maria Emília de Souza Mattos (Museu de Arte Sacra de Paraty) concordam na opinião de que é fundamental este apoio que os grandes museus dão às pequenas entidades culturais. Com esta ajuda, fornecendo às vezes um funcionário somente, é possível desenvolver atividades que aproximem os vários sub-grupos de uma comunidade, sensibilizando-os para a importância da preservação de sua produção cultural.



ARQUIVO SPHAN

BRASIL E PORTUGAL ASSINAM ACORDO PARA MICROFILMAGEM DE DOCUMENTOS HISTÓRICOS

A Secretaria da Cultura do MEC e o Governo português assinaram acordo para elaborar, em comum, um projeto para a microfilmagem de documentos de interesse para a memória nacional do Brasil e de Portugal, existentes em seus respectivos arquivos.

O acordo, firmado pelo Secretário da Cultura do MEC, Marcos Vinicios Vilaça, com o apoio do Embaixador do Brasil em Portugal, Azeredo da Silveira, vai permitir o retorno ao país de documentos importantes para a recuperação da memória brasileira. O Secretário acredita que o projeto é de execução "abrangente", levando de 15 a 20 anos para ser concluído. Diz Marcos Vilaça:

"Sempre que um país tentou trazer de volta à terra natal um bem cultural que estava no exterior, deparava-se com delicados problemas diplomáticos. É compreensível que seja assim. Portanto, esse desejo sempre foi utópico. Agora, com o acordo assinado, brasileiros e portugueses não só evitam questionamentos constrangedores sobre quem, de fato, deve ficar com esse ou aquele documento, como também passam a ter acesso ao próprio documento, reproduzido pela microfilmagem".

O Secretário informa, ainda, que, em Portugal, a microfilmagem terá início já no primeiro trimestre de 1984, nos arquivos do Museu Histórico Ultramarino, "o mais importante conjunto de documentos brasileiros em terras portuguesas". No Brasil, a cooperação começará com a microfilmagem de peças fundamentais para a história de Portugal, existentes na Biblioteca Nacional e demais instituições culturais.

Os órgãos responsáveis pelo cumprimento do acordo são a Secretaria da Cultura do MEC e o Ministério das Relações Exteriores do Brasil e o Ministério da Educação e Cultura e das Relações Exteriores de Portugal.

RESTAURADA, A SÉ DE OLINDA É DEVOLVIDA À COMUNIDADE PERNAMBUCANA



ARQUIVO SPHAN

A Igreja do Salvador — Sè de Olinda — Catedral Metropolitana de Olinda e Recife foi entregue no dia 24 de dezembro passado à comunidade pernambucana totalmente restaurada, bem como a casa 123 da Rua 13 de Maio, em Olinda. Um dos mais representativos monumentos históricos olindenses, a Sé foi edificada em 1534 e ampliada em 1631. Três anos depois, foi quase que inteiramente destruída pelo incêndio provocado pelos holandeses.

Reinaugurada em 1677 como Catedral, teve duas amplas e descaracterizantes reformas, no início do século, e estava a exigir uma restauração cuidadosa, apoiada em documentação histórica e iconográfica. A restauração foi realizada pela Secretaria de Turismo, Cultura e Esportes, através da Fundação do Patrimônio Histórico e Artistico de Pernambuco-FUNDARPE que executou o trabalho em seis meses, num custo de Cr$ 75 milhões liberados pela Fundação Nacional PróMemória (SPHAN nº 24, pág. 18).

A cerimônia de devolução da igreja à comunidade de Pernambuco estiveram presentes, entre outras autoridades, o Secretário da Cultura do MEC, Marcos Vinicios Vilaça, o Governador de Pernambuco, Roberto Magalhães, e o Arcebispo de Olinda e Recife, D. Hélder Câmara.

O Secretário de Turismo, Cultura e Esportes, Francisco Bandeira de Melo, ressaltou que a entrega da Sé foi uma homenagem ao primeiro aniversário de Olinda como Patrimônio Cultural da Humanidade, lembrando que "Olinda é uma eterna fonte de Cultura, matriz da civilização tropical". Enalteceu o seu passado e o seu progresso presente, bem como seu papel cultural.

Por sua vez, o Secretário Marcos Vilaça acrescentou que o trabalho de restauração da Sé foi, principalmente, baseado na união — "mãos unidas no trabalho, além de muita vontade de ver a obra concluida". Usando por último da palavra, o Governador Roberto Magalhães disse que "abrimos as portas da Sè como um presente de Natal a Olinda". D. Hélder Câmara realizou a bênção e as portas da Sé foram abertas à visitação pública.

ALUNOS DA UFOP PROMOVEM CURSO SOBRE OBRAS E RESTAURAÇÃO DE MONUMENTOS

Foi realizada no dia 17 de dezembro passado, no Salão Anexo do Museu da Inconfidência, em Ouro Preto, a solenidade de formatura da 2ª turma do Curso Geral de Obras e Restauração de Monumentos Históricos, promovido pelo Escritório Piloto dos Estudantes da Universidade Federal de Ouro Preto, com o apoio do Fundo do Patrimônio Mundial da UNESCO e da SPHAN/prόMemória, através da 7ª Diretoria Regional.

O Curso, criado a partir de contatos mantidos entre o Escritório Piloto dos Estudantes da UFOP e a Diretoria Regional da SPHAN/prόMemória em Minas, tem como objetivo dar ao trabalhador da construção civil um conhecimento teórico que lhe permita ter dominio sobre as diversas fases de uma obra civil, dando-lhe uma fundamentação teórico-básica, visando ao aperfeiçoamento prático, como também desenvolver noções básicas de segurança, higiene e legislação do trabalho, e conscientizar o trabalhador da necessidade de proteger e preservar os monumentos históricos que testemunham a cultura brasileira.

O Escritório Piloto dos Estudantes da Universidade Federal de Ouro Preto foi estruturado pelos alunos da UFOP visando diminuir o distanciamento entre a Universidade e a comunidade ouropretana, transmitindo e aplicando os conhecimentos acadêmicos em benefício da população. Tal entidade atua em várias áreas através dos seguintes projetos: Horto Medicinal-Estudo das plantas medicinais, Programa de Melhoramento das Condições de Saúde, Equipe de pesquisa e projetos civis, Levantamento sócio-econômico, Curso Geral de Garimpo e Curso Geral de Obras.

O Curso é ministrado por estudantes da UFOP e conta com a participação de especialistas da SPHAN/prόMemória em palestras sobre preservação de bens culturais, que têm por objetivo transmitir aos participantes a responsabilidade e a capacidade de executar trabalhos mantendo as caracteristicas construtivas de estilos arquitetônicos que preservem a memória nacional.

O programa do Curso engloba as disciplinas de restauração de monumentos históricos, técnica da construção, materiais de construção, matemática aplicada, comunicação e expressão, relações humanas e leis trabalhistas — estas três últimas têm por objetivo dar ao trabalhador um conhecimento mais amplo (não deixando que o curso se restrinja apenas à parte técnica), aumentando sua capacidade de análise, de interpretação e sua segurança nas decisões que é obrigado a tomar no trabalho e fora dele.

DOCUMENTOS

O prof. Luiz Carlos Serrano, restaurador da 6ª DR/SPHAN e Representante da Diretoria no Municipio de Paraty(RJ), acompanhou o curso sobre restauração ministrado na Casa de Rui Barbosa de 28/11 a 02/12 pela especialista francesa Claire Chahine, que passou duas semanas no Brasil a convite do CNPq — Centro Nacional de Desenvolvimento Técnico e Cientifico.

Claire Chahine é Diretora do Centro de Conservação de Documentos Gráficos da França e deverá apresentar um relatório ao CNPq, propondo soluções técnicas para a restauração e conservação dos documentos do Arquivo Nacional, da Biblioteca Nacional e de outras instituições cientificas e culturais.

SPHAN 27
próMemória

MEMÓRIA ELEITORAL DE PERNAMBUCO, UM PROJETO DA FUNDAJ PARA 1984



JOSENILDO FREIRE / FUNDAJ

A Fundação Joaquim Nabuco da Secretaria da Cultura do MEC vai executar de janeiro a dezembro de 1984 o Projeto "Memória Eleitoral de Pernambuco", com o objetivo de constituir, reunir e organizar um acervo histórico-politico-eleitoral, preservá-lo e colocá-lo em condições de ser utilizado para o desenvolvimento da pesquisa e dos estudos da história eleitoral pernambucana. O Projeto, além de conhecer todo o universo da informação eleitoral existente em Pernambuco no periodo de 1945 a 1982, pretende fazer também um estudo com fundamentos sociológicos das eleições no Estado.

Para execução do "Memória Eleitoral de Pernambuco", serão localizados os arquivos eleitorais de particulares e instituições públicas e privadas nas esferas estadual e municipal. Além disso, haverá a elaboração de instrumentos de buscas (inventários, guias, listagens, indices, etc), levantamentos de bibliografias especializadas de apoio aos grupos de trabalho, estabelecimento de critérios de avaliação e seleção e de pesquisa, seleção, inventário, arranjo e descrição dos documentos e sua codificação para posterior indexação e arquivamento.

Com o Projeto, a FUNDAJ espera resgatar um pouco da memória pernambucana também no campo da politica eleitoral, implantando um sistema de preservação de grande valia para a compreensão da história de Pernambuco, através das campanhas politicas que lá se desenvolveram. A FUNDAJ espera contar com a colaboração de colecionadores de artigos utilizados nas eleições pernambucacas, dos diretórios dos partidos em Pernambuco, da classe politica e de todos os que disponham de alguma contribuição para preservar a memória eleitoral do Estado. O Projeto está sendo coordenado pelo Departamento de Ciência Politica e o Centro de Documentação e de Estudos da História Brasileira "Rodrigo de Mello Franco" (Cehibra), ambos da Fundação Joaquim Nabuco.



IVAN WASTH RODRIGUES

CINQÜENTENARIO DA PUBLICAÇÃO DE **CASA-GRANDE & SENZALA**

MEMÓRIA FONOGRÁFICA

Preservar através do disco valores culturais relacionados com a música, a poesia e o folclore, particularmente do Norte/Nordeste, é o objetivo a que se propõe o Projeto "Memória Fonográfica" desenvolvido pela Fonoteca da Fundação Joaquim Nabuco da Secretaria da Cultura do MEC.

Paralelo a isso, há o Projeto "Memória de Nossa Gente", que é um desenvolvimento do "Memória Fonográfica", atingindo a produção de rádio - através da pesquisa, documentação, gravação e divulgação pelo rádio dos elementos que estruturaram o "Memória Fonográfica", ou seja, os valores da música vocal e instrumental e da poesia do Norte/Nordeste.

Através do "Memória de Nossa Gente", programa radiofônico levado ao ar pela Rádio Universitária FM todas as sextas-feiras, os vários niveis da comunidade tomam conhecimento dos trabalhos que estão sendo realizados nesta área por músicos, poetas e compositores e, ao mesmo tempo, descobrem novos valores no campo dessas manifestações.

O Projeto "Memória Fonográfica" teve inicio em 1980 com a edição do disco *Gilberto Freyre em prosa e verso*. Seguiram-se as obras do poeta Mauro Mota, Waldimir Maia Leite, do compositor Capiba e da obra poética de Jorge da Cunha Lima, com música de Oriano de Almeida, tendo este trabalho sido realizado em convênio com a Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

"Memória de Nossa Gente" utiliza material fonográfico do acervo da FUNDAJ e entrevistas com os elementos ligados ao contexto de cada assunto, documentando dessa forma a importância do seu trabalhc para a comunidade. O programa na Rádio Universitária vem recebendo muitos elogios da critica, de compositores e poetas locais e já focalizou João Pernambuco, Zoca Madureira — que vem realizando um trabalho admirável de pesquisa na nossa música —, Clidio Nigro e João Santiago, Irmãos Valente, a seca na música popular, brincadeiras de roda, estórias e canções de ninar — sobre o trabalho de Esther Sobreira, pesquisadora na Bahia —, poeta Marcus Accioly, Severino Araújo e Orquestra Tabajara, Quinteto Violado, Luis Gonzaga, Henrique Annes e pesquisa sobre violeiros, emboladores e repentistas.

SELO

Dentro das comemorações dos 50 anos de publicação da grande obra da sociologia brasileira, a Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos lançou no Salão Nobre da Fundação Joaquim Nabuco da Secretaria da Cultura do MEC um selo comemorativo ao meio século de publicação de "Casa Grande e Senzala", do sociólogo-antropólogo Gilberto Freyre.

Segundo o Diretor Regional da ECT em Pernambuco, Vinson Vedana, os colecionadores de selo vão ter uma oportunidade rara no Estado, porque o lançamento nacional geralmente é feito com dois milhões de exemplares; entretanto, no caso da homenagem à

obra de Gilberto Freyre, o selo terá apenas um milhão de exemplares.

Após o lançamento do selo, o Clube Filatélico do Recife inaugurou uma exposição de selos relativos ao tema "Casa Grande e Senzala", selos estes que abordam as três raças formadoras da etnia brasileira, envelopes do primeiro dia, máximos postais, entre outras peças filatélicas.

O artista Ivan Wasth Rodrigues, na criação do selo, preocupou-se em abordar as três raças formadas de etnia brasileira. Ao negro foi dado maior destaque pelo importante papel que exerceu nas atividades econômicas da colonização e na formação da mentalidade brasileira. Em seguida vem o indígena, outra presença marcante em nossa cultura; e encimando a composição, em seu centro ótico, a figura do navegante português, que consulta o astrolábio, guia de suas caravelas desbravadoras. O globo sobre um livro aberto simboliza a universalidade da obra "Casa Grande e Senzala".

ABERTAS INSCRIÇÕES PARA PRÊMIOS DO INL

Encontram-se abertas, até o dia 31 de maio próximo, as inscrições para os prêmios distribuídos anualmente pelo Instituto Nacional do Livro. Em 1984, o INL promove três concursos: o Prêmio Literário Nacional, que este ano contempla os gêneros Conto e Poesia, nas categorias de obras inéditas e publicadas; o Prêmio Instituto Nacional do Livro de Literatura Infantil, que será realizado em duas etapas sucessivas — a primeira para o texto inédito e a segunda para as ilustrações do texto vencedor; e o Prêmio de Biblioteconomia e Documentação, destinado à obra inédita.

Os valores dos prêmios são os seguintes: Cr$ 600.000,00 (Poesia e Conto). Cr$ 350.000,00 (Literatura Infantil-Texto e Ilustração) e Cr$ 350.000,00 (Biblioteconomia e Documentação).

As inscrições podem ser feitas nos seguintes endereços: Rua da Imprensa, 16 - 15º andar - sala 1511 - Rio de Janeiro - RJ - CEP 20030; SCLN 704/705 - Bloco C/40 - Brasília - DF - CEP 70730; e Rua Apa - 83 - São Paulo - SP - CEP 01201.

Em caso de obra inédita, o concorrente deverá apresentar três originais datilografados apenas de um lado, em papel ofício, espaço dois, assinados sob pseudônimo, e anexar envelope lacrado com ficha contendo nome e endereço completos do autor, além do título da obra e pseudônimo. Em se tratando de obra publicada (somente as editadas a partir de 1º de julho de 1981), o candidato deverá enviar três exemplares, acompanhados de ficha com nome e endereço completo do autor.

cartas

NR — Com o presente número, retomamos a publicação do Boletim SPHAN/próMemória, prejudicada por grande atraso causado pela escassez de recursos financeiros. Comunicamos, ainda, aos nossos prezados leitores que a partir do número 28 (janeiro/fevereiro 84), o Boletim será editado no Rio de Janeiro, por decisão superior da SPHAN/próMemória. Portanto, a correspondência em nome da publicação deverá ser encaminhada para o seguinte endereço: Rua da Imprensa, 16 - 15º andar - sala 1508 - Palácio da Cultura - Rio de Janeiro (RJ) - CEP 20030.

CUMPRIMENTOS

"Mes compliments pour la haute qualité et pour l'interêt des bulletins SPHAN que je viens de recevoir.

Merci beaucoup et mes très amicals voeux pour un bon 1984 (...)". - Arq. Franca Helg - Milão, Itália.

BOLETIM

"Sou estudante de Arquitetura, interessado sobre a situação do Patrimônio Histórico no país, e desejaria receber as publicações que são normalmente feitas pela SPHAN". - Gustavo Pereira - São Paulo, SP.

"Em levantamento que acabamos de realizar registramos a falta de edições de SPHAN/pró-Memória, publicação que temos especial interesse em manter completa em nosso acervo.

"(...) Ao mesmo tempo, desejamos expressar nosso interesse em continuar recebendo SPHAN/próMemória, dada a importância dessa publicação para os usuários de nossos serviços, entre os quais se destacam jornalistas e estudiosos do processo da comunicação em nosso país (...)". - Maurício Azêdo, Diretor da Biblioteca da Associação Brasileira de Imprensa - Rio de Janeiro, RJ.

"Vimos (...) solicitar a valiosa colaboração no sentido de nos remeter os seguintes boletins: nºs 2, 4, 7 e 14.

"Tal pedido prende-se ao fato desta Prefeitura não ter recebido os volumes mencionados, sendo que os mesmos fazem falta, visto que a Biblioteca Municipal os coleciona e os indica para trabalho de pesquisa (...)". - Miguel Z. Pedrosa - Diretor de Finanças da Prefeitura Municipal de Oriente, SP.

NR-Informamos aos prezados leitores e instituições que representam, que já enviamos os números atrasados do Boletim SPHAN/próMemória. De agora em diante, seus nomes constarão da relação de assinantes que recebem essa publicação periodicamente.

INCENTIVO

"Através desta, viemos solicitar dessa Fundação, a coleção de Boletins da SPHAN, que irá constar de nosso acervo, na oportunidade em que estamos buscando o incentivo a um melhor conhecimento das Ruinas de São Lourenço, por parte da comunidade missioneira (...)". — Joaquim Luiz Nascimento — Prefeito Municipal de São Luiz Gonzaga-RS.

NR — Parabenizamo-lo pela busca do incentivo a um melhor conhecimento das Ruinas Missioneiras de São Lourenço. Na oportunidade, informamos que já foi enviada uma coleção completa do Boletim para a Prefeitura de São Luiz Gonzaga que, a partir de agora, passará a receber regularmente a publicação.

PUBLICAÇÕES

"Sou museóloga e trabalho no Museu Histórico da Cidade do Rio de Janeiro. Estive recentemente em York, Inglaterra, fazendo um curso sobre preservação e restauração de prédios e monumentos, assunto este que venho estudando com grande interesse.

"Gostaria imensamente de ter acesso aos cadernos da SPHAN/próMemória, pois de nada me vale a informação técnica européia se não conheço e acompanho os trabalhos executados em meu país. Por favor, me orientem no sentido de que eu possa obter as referidas publicações, mesmo as antigas (...)". — Maria Cristina Mendes — Rio de Janeiro — RJ.

NR — Estamos lhe remetendo os números do Boletim SPHAN que foram editados até o momento (nºs 0 ao 26). Informamos que de agora em diante seu nome constará da relação de assinantes que recebem nossas publicações periodicamente.

Produzido pela Coordenação das Atividades de Comunicação da Fundação Nacional próMemória.

Editor responsável
Maria de Lourdes Castro Oliveira

Editor chefe
Marcus Vinícius De Lamonica Freire

Redação
Marcus Vinícius De Lamonica Freire
Maria da Graça Nobre Mendes
Ulisses Lacava Bigaton

Revisão
Maria da Graça Nobre Mendes

Diagramação e Arte-Final
Rosival Batista Arruda